

CIDADE **INOVA**

UMA REVISTA CARIOCA DE GESTÃO PÚBLICA

O DESAFIO DA PRODUÇÃO LOCAL DE VACINAS, INOVAÇÃO E A PANDEMIA DA COVID-19

■
CONSTRUINDO
PONTES: UM PROJETO
PARA APRIMORAR A
ARTICULAÇÃO ENTRE
O MUNICÍPIO E
O PODER FEDERAL

■
ANÁLISES ECONÔMICAS
DO RIO DE JANEIRO

■
PARALIMPÍADAS:
UMA VITÓRIA CONTRA
O CAPACITISMO

■
REFLEXÕES SOBRE
A APLICAÇÃO DO LEAN
OFFICE NOS SERVIÇOS
DA OUVIDORIA DA SMTR



PREFEITURA DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

PREFEITO
Eduardo Paes

SECRETÁRIO MUNICIPAL
DE FAZENDA E PLANEJAMENTO
Pedro Paulo Carvalho Teixeira

INSTITUTO FUNDAÇÃO
JOÃO GOULART

PRESIDENTE
Rafaela Bastos

A REVISTA CIDADE INOVA É UMA REVISTA CARIOCA
DE GESTÃO PÚBLICA QUE SAI QUATRO VEZES AO ANO.

EQUIPE EDITORIAL

EDITORES

Alexandre Cherman – NUDGE RIO
Marcio Martins – SMPU
Monica Araujo de Souza – SME
Paloma Hochman Mendez – SMDEIS
Pedro Arias Martins – FJG

REVISORES DE PORTUGUÊS

Monica Araujo de Souza
Saulo Albuquerque

COLABORADORES

André Appariz
Gabryel Souza

PROJETO GRÁFICO

Renata Ratto
Breno Lima

DIAGRAMAÇÃO

Paloma Hochman Mendez

FOTO CAPA

Marcelo Piu

NÚMERO 10, VOLUME 1
SETEMBRO 2021
ISSN 2596-3236

Os artigos podem ser adaptados para fins didáticos,
copiados e distribuídos desde que o autor seja citado
e que não se faça uso comercial da obra.

Os conceitos e opiniões expressos nos artigos,
bem como a exatidão e a procedência das citações,
são de exclusiva responsabilidade dos autores.

 FUNDAÇÃO
João Goulart

T [21] 2976.3703 | 2976.1012
fundacaojoaogoulart@gmail.com
liderescariocas@gmail.com
www.rio.rj.gov.br/web/fjg

CARTA DO EDITOR

SOMOS DEZ!

Dez edições. Um feito digno de nota nos tempos tão efêmeros em que vivemos. Mas por que celebrarmos exatamente a décima edição? Por que não a nona? (Nove é um quadrado perfeito, afinal de contas!) Ou a décima primeira? (Onze, um número primo...) Ou, quem sabe, a décima segunda? (Doze é múltiplo de quatro; isso faz diferença para uma revista publicada quatro vezes ao ano... Doze edições são três anos inteiros!)

Ainda que o 9, o 11 e o 12 tenham seus atrativos, é o 10 que nos fascina. É o 10 que nos comove. O 10 representa uma transição. Passamos de um único dígito para dois dígitos. Isso é um marco por si só. "Passamos de fase". E, claro, em nossa cultura, é o 10 a base de toda a nossa aritmética posicional!

Algumas civilizações antigas usavam o 12 como base numérica. Isso explica os 12 meses do ano, as 24 horas do dia (duas vezes 12), os 60 minutos da hora (cinco vezes 12). Mas a maioria baseava-se no 10. Não há provas, mas é uma conclusão plausível, de que o 10 nos atraiu porque começamos a contar com os dedos das mãos. Independentemente do motivo, o 10 se consolidou como nossa base numérica.

Chegamos, então, à nossa décima edição, e vamos comemorar! Uma revista de cara nova, com um novo projeto gráfico e, para celebrarmos, com uma tiragem impressa limitada. Chegamos aos dois dígitos e viemos pra ficar. Que venham o 11, o 12, o 13... (até o 99 ainda vai demorar. Mas que venha ele também!)

E, claro, nada disso seria possível sem você, leitor. Muito obrigado por esta parceria decimal!



FALA, PRESIDENTA

RAFAELA BASTOS

Presidenta da Fundação João Goulart, Gestora Pública, Geógrafa, especialista em Gerenciamento de Projetos, Branding e Economia Comportamental.

Uma edição comemorativa é sempre motivo para celebração por tantas e quantas histórias fomos capazes de revelar e compartilhar. Mas quando se trata da Revista Cidade iNova, a chegada de sua décima edição me traz uma reflexão: por aqui se contam mais do que histórias e sim realizações de servidores públicos.

Contar o que gestores públicos fazem pela cidade é prazeroso e podemos apresentar para vocês como a Gestão Pública impacta o dia a dia do cidadão. O passo agora é tornar todo este conteúdo cada vez mais relevante e, por isso, estamos de visual novo, a fim de estimular o interesse e o engajamento nas pautas pertinentes ao tema. É uma diversidade que mostra como são possíveis as realizações de muitos projetos. E, para dar boas vindas a este momento de celebração e novidades seguimos, claro, com muito conteúdo!

Conseguir linhas de financiamento federal para projetos é sempre um tema que nos interessa, mas quais são os parceiros institucionais que podem trazer celeridade a esta oportunidade? A Coordenadoria Geral de Relações Institucionais e Assuntos Federativos revela aspectos do seu importante papel nesta articulação.

Saudades de Tóquio? Não precisa! Temos ainda muito o que saber e contar sobre nossos projetos enquanto cidade olímpica. O legado das Paralimpíadas Rio 2016 deixou marcantes transformações na cidade para as pessoas com deficiência e muitos não fazem ideia e são importantes de serem compartilhadas.

“Ater-se ao que é essencial” pode ser algo clichê, mas foi o principal motivador para a aplicação de novas boas práticas através da aplicação da metodologia LEAN na Ouvidoria da Secretaria Municipal de Transportes.

Você já ouviu falar no Indicador de Atividade Econômica do Rio? O IAE-Rio foi desenvolvido pela Secretaria Municipal Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação e contribui para importantes diagnósticos que servem como base para a elaboração de políticas públicas.

Nesta edição especial temos um artigo especial e muito atual. A Fiocruz escreve sobre os desafios da pandemia e o acesso às vacinas em um artigo que demonstra como podemos avançar na produção local e sermos inovadores durante este processo. Ainda no lastro do contexto pós-pandêmico, contamos mais detalhes sobre o projeto Reviver Centro numa coluna escrita pela Líder Carioca Thaís Garlet.

Os motivadores, insights e reflexões a respeito do desenvolvimento humano de gestores estão na coluna fixa da Líder Carioca Jana Libman. Na seção Eu, Líder, o Víctor Zajdhaft fala sobre sua trajetória, nos brindando com a visão de um gestor público altamente experiente com novos desafios. Na seção GTT falamos sobre a nossa jornada. Isso mesmo, tudo o sobre como foi montar este projeto de revista eletrônica que somos, como foi criada a nossa Revista Cidade iNova. As seções Tesouros do Rio, CalmaRio, Seção FJG e a FicaDica seguem trazendo relevância e leveza.

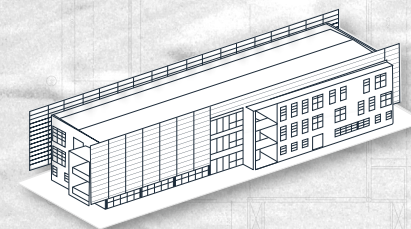
Mas nada é páreo à história mais bacana desta revista eletrônica: é uma ação voluntária de Líderes Cariocas. Uma parceria com a Fundação João Goulart que começou como um projeto transversal, a partir do interesse do grupo de servidores que investiu e investe na importância de se compartilhar projetos relevantes para e sobre a cidade. Compromisso público é uma competência essencial a todo servidor e a história da Revista Cidade iNova é repleta desta prática.

Por fim, convido a todos para esta experiência de aquisição de conhecimento, mas também de renovação do orgulho de ser gestor público carioca. E para você, cidadão ou interessado no tema, fica aqui disponível a possibilidade da descoberta do esforço de como tudo chega até você, observem um mundo de possibilidades através de uma gestão pública eficiente.

Um abraço para todos, vacinem-se e conheçam mais a gestão pública à serviço da carioquice :)

LEGADO OLÍMPICO

O FUTURO É AGORA



RIO-URBE REALIZARÁ DESMONTAGEM DA

ARENA DO FUTURO

E A MONTAGEM DE 4 NOVAS ESCOLAS

SERÃO ENTREGUES
QUATRO NOVAS ESCOLAS
PARA A REDE MUNICIPAL
DE ENSINO

TODAS AS ESCOLAS
SERÃO MONTADAS NA
ZONA OESTE DA CIDADE

A INICIATIVA É PARTE DO
LEGADO OLÍMPICO
RIO 2016



SUMÁRIO

FALA, FUNDAÇÃO

- 10 **ESTÁ NO AR O PODCAST FJG!**
Flávia Santos
- 12 **EU, LÍDER**
Victor Zajdhaft
- 14 **GTT**
UM GTT ETERNO
A criação da revista
Cidade Inova

BORA NESSA

- 71 **TESOUROS DO RIO**
- 76 **CALMARIO**
- 78 **#FICAADICA**

COLUNAS

- 28 **É HORA DE REVIVER O CENTRO!**
Thaís Garlet Biagini
- 54 **CICLOS**
Jana Libman

ENTREVISTA

- 38 **PLANO DIRETOR**
Andrea Pulici, Valéria Hazan
e Washington Fajardo

ARTIGOS

- 20 **REFLEXÕES SOBRE A APLICAÇÃO
DO LEAN OFFICE NA OUVIDORIA
DA SMTR**
Márcio Antônio Pinto da Silva
- 30 **ANÁLISES ECONÔMICAS DO RIO**
Chicão Bulhões, Marcel Grillo
Balassiano e Maira Albuquerque
Penna Franca
- 46 **CONSTRUINDO PONTES**
Um projeto para aprimorar
a articulação entre o Município
e o Poder Federal
Rodrigo Otaviano Vilaga
- 56 **O COMBATE À PANDEMIA
DA COVID-19**
Acesso, inovação e produção
Beatriz Fialho, Maurício Zuma
e Akira Homma
- 66 **PARALIMPÍADAS**
Uma vitória contra o capacitismo
Vanessa Carvalho D'Oliveira

FALA, FUNDAÇÃO JOÃO GOULART

FLÁVIA SANTOS

Comunicação e Branding da FJG

ESTÁ NO AR O PODCAST FJG!

"O segredo da criatividade está em dormir bem e abrir a mente para as possibilidades infinitas. O que é um homem sem sonhos?" Albert Einstein

Com essa frase tão potente que começaremos a falar sobre como ser criativos e inovadores quando o assunto é comunicação!

A Fundação João Goulart pensou num novo produto que vem em forma de Podcast. Isso mesmo! O Podcast FJG é um projeto que trará conhecimento, conexão e compartilhamento de conteúdo sobre os mais diversos temas, que envolvam os interesses da Fundação e a necessidade dos servidores municipais. É mais uma possibilidade de aumentar a capacidade de orientar e desenvolver a gestão pública da Cidade do Rio de Janeiro.

Já temos alguns canais de comunicação e este é mais um que reforçará a visão de tornar a gestão pública mais efetiva, a partir da ampliação de boas práticas e inteligência de tomada de decisão, além de apresentar iniciativas concretas que podem incentivar a participação da sociedade no acompanhamento dos projetos e seus resultados.

Estamos conectados! Essa é uma realidade. E quando o assunto é comunicação e Internet não é diferente. Em 2020, o número de

pessoas no Brasil que escutam podcast regularmente aumentou 33%. Segundo uma pesquisa do Instituto Kantar Ibope, hoje, são cerca de 28 milhões de brasileiros com mais de 16 anos que trouxeram o podcast para suas vidas e fizeram disso um hábito bem comum nos mais diversos ambientes, já que o celular possibilita essa questão do espaço geográfico para muitos lugares.

Esse aumento que vem acontecendo com o passar dos anos, pois, segundo o IBOPE, em 2019, 40% dos internautas brasileiros já consumiram algum conteúdo no formato podcast. No mundo, o número médio de ouvintes diários de podcast aumentou em 330%, entre 2017 e 2018, segundo o Spotify, plataforma de streaming que disponibiliza conteúdos nesse formato.

E por que a Fundação traz essa ferramenta tão cheia de possibilidades? Para oferecer a oportunidade de democratizar conteúdos, trazê-los de forma simples e detalhada; além de pensar na facilidade de uma relação mais personalizada com o público. E mais ainda, o podcast é ainda uma forma de colocar temas relacionados à gestão pública para debate dos gestores e servidores em geral e, também, na vida do cidadão carioca.

A cada quinzena, nossas assistentes virtuais – Clarisse Javel, Carol Areté e Louise Boechat – trazem episódios inéditos com temas importantes como: ações da Fundação João Goulart, liderança, gestão pública, capacitação, inovação e liderança feminina. Temos certeza de que este projeto é mais uma forma de aprendizagem e disseminação de informações para todo o público interessado nas entregas que já estamos fazendo, principalmente neste novo cenário de governança da Prefeitura do Rio.

Importante destacar que já temos alguns episódios gravados. Para ouvir é bem simples: acesse <https://anchor.fm/fjg-pcrj> (ouça no próprio link ou direcione para o aplicativo do Spotify). Vamos juntos pensar em novas formas de nos comunicar, não esquecendo nunca da criatividade e da inovação andando lado a lado.

EU, LÍDER

TRABALHAR NA PREFEITURA experiências e desafios em diferentes áreas

**VICTOR
ZAJDHAFT**

Carioca da gema, 51 anos de praia e 25 anos como servidor público da Prefeitura (PCRJ), Líder Carioca (LC) desde 2012, casado, pai de filhas gêmeas de 19 anos, orgulhoso de tudo que construí, alcancei e participei na minha vida pessoal e profissional. Engenheiro Eletrônico formado pela UFRJ e em Direito pela UERJ, ingressei na IplanRio (Empresa Municipal de Informática) em 1996, depois de trabalhar na Vale e na Valesul Alumínio.

Inicialmente trabalhei na formação da equipe de auditoria de sistemas da PCRJ, com técnicos da Controladoria Geral (CGM) e IplanRio. Nessa primeira experiência tive contato com diversos processos de trabalho, auditando vários sistemas: tributário; RH e folha de pagamento, acompanhamento de obras, gêneros alimentícios, entre outros.

Posteriormente, fui convidado a ser o Gerente da Informática da CGM, local no qual implantamos o SIG - Sistema de Informações Gerenciais e automatizamos os processos de trabalho de auditoria. Após, assumi a Diretoria de Sistemas da IplanRio, quando implantamos, por exemplo, o Cartão Família Carioca e o Sistema de Metas e Indicadores.

Com a mudança na gestão da empresa, passei à função de Assessor da Presidência e também a Coordenação Geral do PNAFM (Programa Nacional

de Apoio à Modernização Administrativa e Fiscal dos Municípios Brasileiros). Pude me desenvolver muito na parte administrativa, financeira e orçamentária. No PNAFM, ajudei a construir importantes projetos para a municipalidade, como o Levantamento Aerofotogramétrico junto ao IPP, a Solução Fiscal com Inteligência Artificial (SOFIA) com a SMFP, a modernização do ERGON e a criação do ERGON Empresas, mas o produto que mais me trouxe realização foi a criação do Programa de Líderes Cariocas (PLC).

O processo seletivo do PLC, os cursos dos LCs na COPPEAD e na Estácio, o intercâmbio técnico com Prefeituras e Universidades no Brasil e no exterior, todos custeados totalmente ou em parte pelo PNAFM e colocados em prática pelos gestores da FJG.

Com esta experiência adquirida na gestão do PNAFM, fui convidado a assumir a Diretoria de Administração e Finanças da IplanRio, e em seguida, a Presidência da empresa. Fui, assim, o primeiro LC a alcançar uma posição de 1º escalão na PCRJ, o que me trouxe muita alegria pelo desafio e pela abertura desta porta. Pouco antes, fui selecionado para o Mestrado em Gestão Pública na Columbia University, ao lado de colegas LCs, o que se tornou uma experiência única de

aprendizado, que necessitou de grande dedicação e entregas.

A Presidência foi uma experiência dura mas muito gratificante, onde pude exercitar os conhecimentos acumulados, em especial na formação dos LCs. Findo este período, continuei à frente do PNAFM, encargo que não deixei de exercer desde que o assumi. Nos anos finais da gestão anterior, atuei ainda como líder técnico do projeto GIT - Gestão Integrada de Tributação, junto à SMFP, solução que visa substituir e modernizar os sistemas tributários da PCRJ, mas que ainda não foi implementada.

Em 2021, após auxiliar na transição na IplanRio, parti para um novo desafio: a Subsecretaria de Gestão da SMAC, ao lado de um secretário ativo e realizador, que está exigindo o máximo de mim e da equipe para colocarmos de pé os projetos da gestão, o que me motiva bastante por estar entregando novos projetos impactantes ao cidadão..

Como puderam ver, na PCRJ temos a oportunidade de exercer diferentes responsabilidades ao longo da carreira, o que motiva por evitar a “mesmice” e a “zona de conforto”, além de permitir o desenvolvimento de nossas diferentes potencialidades, sempre com o objetivo de melhorar a qualidade de vida na nossa cidade.

GTT

UM GTT ETERNO

A CRIAÇÃO DA REVISTA CIDADE INOVA

No dia 29 de agosto de 2018, foi realizada a primeira reunião do Grupo Transversal de Trabalho (GTT) Revista Eletrônica da FJG. À época, o objetivo que se colocou no Termo de Abertura do Projeto foi: “Elaborar um modelo de publicação eletrônica que promova e divulgue as melhores práticas e as soluções criativas desenvolvidas em/para gestão pública, majoritariamente, por líderes cariocas e gestores da PCRJ”.

Três anos depois, e com 10 edições publicadas da Cidade iNova – Revista Carioca de Gestão Pública, podemos dizer que, sim, atingimos nosso objetivo e, sim, somos um dos GTTs de maior sucesso na história do Programa Líderes Cariocas. Hoje celebramos a importante marca da 10ª edição, com a certeza de sermos um modelo de publicação das boas práticas de gestão pública, principalmente, na prefeitura do Rio.

Aproveitando o momento, resolvemos falar, nesta seção, que é dedicada aos GTTs, um pouco mais sobre este que, internamente, brincamos ser um GTT eterno. Oficialmente, tal grupo encerrou suas atividades em 28/2/2019, com a primeira edição sendo publicada em março daquele ano. No entanto, até hoje, a maior parte dos seus integrantes continua trabalhando neste projeto, pelo qual temos grande carinho.

Mas quem somos nós, detentores do prêmio “GTT mais popular” de 2019?

Em ordem alfabética, cá estamos, os membros do GTT Revista Eletrônica da FJG:

Alexandre Cherman é astrônomo (UFRJ), mestre e doutor em Física (CBPF). Cons-

truiu sua carreira pública, iniciada em 1997, na Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro. Ali começou recém-formado e foi subindo degraus até chegar a diretor. Em 2019, estimulado pelos novos horizontes que o Programa Líderes Cariocas lhe havia mostrado, começou a construir novos caminhos e tornou-se cientista de dados da NudgeRio, hoje Coordenadoria de Dados e Comportamento da Fundação João Goulart. Possui seis livros publicados, número que muito em breve promete crescer. Tem o estranho hábito de acordar cedo (MUITO cedo!). Aproveita as horas insólitas do dia para escrever, ver séries, remar e correr. É apaixonado por quadrinhos. E, mais importante de tudo, é o pai da Ísis.

George de Souza Alves é licenciado em Matemática (IM/UFRJ) e possui mestrado em Informática (NCE/IM-UFRJ). É docente de Informática Educativa do Colégio Pedro II e desde 1992 é fiscal de atividades econômicas na Secretaria Municipal de Fazenda e, ao longo desse período, chegou exercer o cargo de gerente de Monitoramento e Análise do Painel de Gestão das Parcerias com Or-

GTT

ganizações Sociais na Superintendência de Contratos de Gestão com Organizações Sociais da Secretaria Municipal de Saúde. Atualmente está como assistente I na Coordenadoria de Desenvolvimento de Projetos e Transversalidade da Fundação João Goulart. Para além de sua dedicação ao trabalho, George gosta de ler biografias e ensaios, ouvir MPB, chorinho, jazz, blues, rock'n'roll, samba e diversos podcasts, ver séries e filmes, torcer pelo Flamengo e viajar.

Monica Araujo de Souza é licenciada em Letras e tem uma segunda graduação em Pedagogia, pelas universidades Veiga de Almeida e São Judas Tadeu, respectivamente. É, ainda, especialista em Novas Tecnologias Educacionais, pelo Instituto Signorelli. Dentro da prefeitura do Rio, mais especificamente a Secretaria Municipal de Educação, já atuou como regente, coordenadora pedagógica, diretora adjunta, gerente na Gerência de Educação da 6ªCRE, coordenadora da plataforma Educopédia na SME, elemento da Gerência de Infraestrutura e Logística da 7ªCRE e, atualmente, é diretora da Escola Municipal Francis Hime. Gosta de ler, ouvir música,

dirigir cantando, tomar um bom vinho e caminhar, mas a sua grande paixão é a estrada. Ama conhecer pessoas e viver novos desafios. Odeia filmes de terror e chora, até, nas comédias.

Paloma Hochman Mendez é arquiteta e urbanista formada pela Universidade Federal Fluminense. Servidora desde 2011, iniciou sua carreira na antiga Secretaria de Urbanismo, passou pela Secretaria de Meio Ambiente, atuando como coordenadora de Projetos Especiais e atualmente é parte da equipe do Escritório de Gerenciamento de Projetos da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação. Em 2016 concluiu a segunda graduação em Gastronomia, mas descobriu que prefere comer a cozinhar. Anda "comendo por dois", no sexto mês de gravidez. No próximo ano deve deixar a equipe editorial por um tempo, para cuidar da pequena, mas em breve, estará de volta.

Pedro Arias Martins é servidor da Prefeitura desde 2010. Está como coordenador de Desenvolvimento de Projetos e Transversalidade na FJG. É geógrafo

Capas dos primeiros números da revista,



pela UFRJ, mestre em Eng. Cartográfica pelo IME e mestre em Administração Pública pela Columbia University. Já atuou em quatro Secretarias, em diversas áreas, como: geoprocessamento, ciência de dados, relacionamento com o cidadão, políticas sociais e projetos transversais. No tempo livre, o tricolor Pedro está sempre lendo livros sobre os mais diversos temas ou praticando esportes, atualmente crossfit, musculação, beach tennis e ainda dá umas escaladas de vez em quando. Também é viciado em viajar e colecionar experiências.

Este quinteto improvável "deu liga", caso típico onde o todo é maior que a soma das partes. Estimulados pelo trabalho interessante e pela amizade que formamos, nós cinco topamos o desafio

seguinte: assumir a produção da revista em si. Sem tempo para respirar, encerramos o GTT e assumimos as rédeas da publicação. Tornamo-nos a equipe editorial da Cidade iNova, exercendo este trabalho voluntariamente com muita dedicação, persistência e criatividade.

Ao longo do caminho, George teve que abrir mão do seu posto voluntário. Justo ele que foi o idealizador da coisa toda, que "mandou cartinha pra FJG" dando a ideia original, que serviu de catalisador para a criação do GTT! Para substituí-lo na equipe editorial, a partir da 5ª edição, tivemos a honra e o privilégio de contar com o Márcio Martins, arquiteto e coordenador do Escritório de Monitoramento de Projetos e Metas da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano.

Ao longo dessas 10 edições, foram tantos outros servidores e servidoras que contribuíram com a revista! Como Paula Merino e a equipe do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, com a seção Tesouros do Rio; Saulo Albuquerque e Lilian Ferreira, com a revisão de português; José Luís da Silva Santos; André Appariz; e Jana Libman... E claro, agradecemos muito a todos os autores e autoras que compartilharam seus conhecimentos e boas práticas através da nossa querida revista.

Importante também agradecer o apoio de todos da equipe da Fundação João Goulart neste processo, na figura dos quatro presidentes que passaram pelo cargo durante este período: José Moulin, Ana Cláudia Lesçaut, Vasco Accioly e Rafaela Bastos.

A motivação que nos fez iniciar este GTT e que nos faz continuar trabalhando na revista até hoje é a mesma. Como Líderes Cariocas, nós percebemos que muitos dos ótimos trabalhos desenvolvidos por servidores públicos muitas vezes não são reconhecidos, colaborando para uma baixa autoestima desses profissionais. Além disso, perde-se a oportunidade de se conhecer sobre

boas iniciativas das diferentes áreas de atuação do serviço público e que poderiam ser mais difundidas e aplicadas. Nossa missão aqui é oportunizar a troca de conhecimentos e a valorização de quem se esforça muito para entregar valor à nossa cidade. E, claro, também trazer temas para discussão nas colunas e demais seções da revista.

Ao longo dessas 10 edições, já publicamos mais de 40 artigos e 20 colunas, dos mais diversos temas; 10 tesouros do Rio; 10 artigos sobre GTTs de sucesso e mais de 30 sugestões de livros. Considerando autores principais e secundários, tivemos a participação de mais de 150 pessoas publicando na revista.

Cada edição foi especial, porque era construída a muitas mãos. Por isso, esperamos poder comemorar ainda muitas outras edições, sempre contando com os nossos melhores parceiros: vocês!



VoluntaRio

Vamos juntos construir um

Rio mais justo e inclusivo!

**Conheça o programa
e faça parte
dessa história!**



prefeitura.rio/voluntario



ASSISTÊNCIA
SOCIAL



REFLEXÕES SOBRE A APLICAÇÃO DO LEAN OFFICE

NOS SERVIÇOS DA OUVIDORIA
DA SMTR DA PREFEITURA
DO RIO DE JANEIRO

MÁRCIO ANTÔNIO PINTO DA SILVA

Ouvidor da SMTR, Administrador Hospitalar formado pela FSJ, Especialista em Gestão Pública, pela FJG, e em Recursos Humanos para Saúde, pela ENSP.

GABRIEL DA COSTA DE ANDRADE

Analista de Projetos – SMS-RJ.

LEAN é um termo em inglês que pode ser traduzido como “enxuto”. Na área da Gestão, o termo denomina uma metodologia que busca ater-se ao que é essencial. Desde a década de 1990, essa metodologia vem se expandindo, sendo aplicada em diversas áreas, como instrumento de gestão privada e pública em diferentes instituições, inclusive no Brasil.

Partindo desta ideia, aplicamos o LEAN aos serviços de Ouvidoria da Secretaria Municipal de Transportes (SMTR) da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ). Neste artigo, apresentamos um relato e uma análise dessa experiência, realçando cada etapa de implementação, os ganhos já alcançados e as propostas da continuidade de melhoria do processo de trabalho do órgão.

ARTIGO

CONCEITUANDO O LEAN

Criado pelo engenheiro Taiichi Ohno, o LEAN foi desenvolvido no âmbito da empresa automobilística Toyota, após a segunda guerra mundial, e, a partir daí, expandiu-se para outras empresas e organizações de distintos países. A princípio, apenas a área de produção foi considerada como foco do LEAN, porém, atualmente, a filosofia é aplicada a todas as dimensões dos negócios e áreas de atuação de uma organização, seja ela pública ou privada.

Os objetivos do Lean são: gerar valor para o cliente; desenvolver e alinhar ações que criem valor; realizar atividades sem interrupção, sempre que solicitado e de maneira cada vez mais eficaz, realizando mais com menos; eliminar desperdícios e retrabalho.

O LEAN Thinking, “pensamento Lean” ou “pensamento enxuto”, traduzido do inglês, consiste em uma filosofia que auxilia a gestão de uma organização. De acordo com Womack e Jones (1996), esta filosofia é regida por cinco princípios: 1. Especificação de Valor - definição de valor pela empresa de acordo com a percepção de seu cliente; 2. Identificação do Fluxo de Valor - conjunto de ações, tanto as que agregam como as que não agregam valor, necessárias para viabilizar o produto; 3. Fluxo de pessoas, de materiais, de informação ou de capital - fluxos contínuos, com o objetivo de que não existam pontos de gargalo que impliquem na parada ou redução da atividade em determinados pontos da cadeia; 4. Sistema Pull (puxar) - produzir somente quando o cliente solicitar; 5. Perfeição - visão do processo ideal, com objetivos e projetos, no passo a passo, sabendo o que deve ser feito para alcançá-lo. Neste processo, transparência é tudo. Todos devem saber o que você está

tentando alcançar e qual área é a primeira prioridade. A força motriz é o líder, conhecido como agente de mudança. Segundo Womack e Jones (1996), a perfeição é contínua.

O LEAN Office é a aplicação dos princípios do pensamento enxuto às atividades não manufatureiras e físicas, ou seja, ao ambiente de escritório ou áreas administrativas da empresa. O fluxo de valor, nesse caso, consiste no fluxo de informações e de conhecimentos. Para os defensores da filosofia, aplicar o Lean Office é necessário para toda organização que pretende otimizar seus processos administrativos e eliminar os desperdícios relacionados a estes processos. São benefícios oriundos da aplicação da metodologia: diminuição do tempo de processamento de algumas atividades; redução do trabalho em processo; restrição de estoques e filas; limitação do transporte entre unidades de trabalho; reorganização do ambiente; redução de etapas do processo; maior envolvimento dos colaboradores; programação nivelada / balanceamento das atividades; controle da informação produzida; sistemática de identificação de problemas; flexibilidade para responder às alterações na demanda.

A OUVIDORIA DA SMTR- PCRJ

A Ouvidoria da SMTR tem como principal função receber as manifestações dos cidadãos referentes a temas relacionados ao transporte rodoviário da cidade. Conta atualmente, no seu quadro funcional, com um ouvidor, quatro despachadores centrais, dentre os quais, dois assistentes, que trabalham diretamente na Ouvidoria, e 28 despachadores locais, criados através da Resolução SEGOV Nº 22, de 21 de janeiro de 2021, que atuam nos diferentes setores da SMTR.

ARTIGO

Quando assumimos a Ouvidoria, em fevereiro de 2021, constatamos alguns problemas pontuais, tais como: processos vinculados à Lei de Acesso à Informação (LAI), que tramitavam por um maior período do que o previsto nas normas; falta de comunicação interna; desmotivação dos servidores; falta de direcionamento para tarefas; atividades concentradas em alguns servidores e de desconhecimento dos demais; serviços envolvendo, desnecessariamente, mais de um profissional para ser realizado, etc.

Após a identificação de tais problemas, propusemos à equipe um curso de LEAN. Explicamos a metodologia e a importância e aplicabilidade das ferramentas. Sugerimos que a implantação do LEAN ocorresse de forma participativa, pois a nossa meta era que todos fossem envolvidos e se sentissem comprometidos com essa nova filosofia de trabalho.

Realizamos uma parceria com o EGP (Escritório de Gerenciamento de Projetos e Metas), da Secretaria Municipal de Fazenda e Planejamento (SMFP), por meio do gabinete da secretária da SMTR, para conjuntamente realizarmos um mapeamento dos processos de LAI que tramitavam pela Ouvidoria. A Chefe de Gabinete da SMTR, Sra. Luciana Fernandes, como demandado pelo EGP, acompanhou todo o processo.

Após o término do curso de LEAN e a concretização da parceria, demos início ao mapeamento de processos relacionados à LAI e à criação de indicadores para seu acompanhamento (figura 1). Essa atividade foi feita com apoio da equipe coordenada pela Sra. Michelle Engelhardt, da CTMP (Coordenadoria Técnica de Modelagem de Processos), uma das estruturas do EGP e composta por três técnicas (Sras. Clara Brando, Fernanda Sobrinho e Ana Luiza Moraes). A tarefa foi realizada durante

Indicadores de LAI.

EGP-RIO

Coordenadoria Técnica de Modelagem de Processos
EGP-Rio / SUBPAR / CVL

Indicadores de desempenho						
Dimensão	Indicador	Fórmula	Unidade de medida	Periodicidade	Fonte	Observações
Tempo	Tempo médio para resposta às solicitações de LAI	data de saída - data de entrada	Dias	Mensal		
Tempo	Tempo médio para resposta aos recursos de LAI	data de saída - data de entrada	Dias	Mensal		
Tempo	Percentual de solicitações com prorrogação de prazo	T de LAI prorrogada X100/Tde LAI	%	Mensal		Atualmente os prazos já vem prorrogados devido à pandemia.
Tempo	Tempo médio para resposta às solicitações de LAI por setor	(Data de resposta do setor X - data de recepção do X) / quant. de setores	Dias	Mensal		
Tempo	Tempo médio para resposta aos recursos de LAI de 2ª instância por setor	(Data de resposta do setor X - data de recepção do X) / quant. de setores	Dias	Mensal		
Capacidade	Quantidade mensal de solicitações de LAI	Total de LAI mês	Unidade	Mensal		
Capacidade	Quantidade mensal de solicitações de LAI por setor	Total de LAI por setor mês	Unidade	Mensal		
Capacidade	Quantidade mensal de recursos de LAI	Total de recursos de LAI mês	Unidade	Mensal		
Capacidade	Quantidade mensal de recursos de LAI por setor	Total de recursos de LAI por setor mês	Unidade	Mensal		
Qualidade	Percentual de recursos de LAI abertos	QR aberto/Total de LAI	%	Mensal		
Qualidade	Percentual de recursos de LAI abertos por setor	QR aberto setor/Total de LAI	%	Mensal		

três meses, período em que foram feitas reuniões e propostas tarefas para serem realizadas pela equipe da Ouvidoria SMTR.

Este mapeamento foi importante para aproximar a equipe; trazer à tona os conhecimentos individuais de cada um e eliminar as resistências a mudanças, pois ela passou a ser construída por todos do grupo.

Outra iniciativa desenvolvida, ainda dentro da filosofia LEAN, foi a criação de Procedimentos Operacionais Padrão (POP) para todos os serviços executados. Conjuntamente a esse esforço, foram criados materiais didáticos para registro dos POPs, para eventuais consultas e uso no treinamento de novos funcionários.

Outro ponto para auxiliar no processo de decisão da autogestão, foi a criação de um Power BI. Para tanto, realizamos uma parceria com a Coordenadoria Geral de Monitoramento



(CGMO) da própria SMTR. Iniciamos com uma proposta mais simples, com informações sobre chamados (manifestações direcionadas à Ouvidoria) por categoria, tipo, subtipo, status (situação da resposta – finalizada, em andamento, aberta) e quantitativo total de chamados por mês.

A partir do inicial, o Power BI avançou em complexidade, e atualmente inclui outras informações. Assim, permite o acompanhamento das solicitações por meio da LAI encaminhadas pela CTTR (Coordenadoria Técnica de Transparência) e a verificação de diversos itens: o tempo de emissão de respostas aos chamados pelos despachadores locais; o tempo médio de resposta por tipo; o mapa de calor; a indicação de bairros; o quantitativo de chamados por tempo de execução e outras melhorias, que estão sendo fundamentais no nosso processo decisório.

Todas essas mudanças, seguindo a metodologia LEAN, foram fundamentais para a reorganização do processo de trabalho, sem ignorar o conhecimento e as vivências anteriores dos servidores, dotando os procedimentos de maior eficiência e eficácia. Assim, melhoramos o sistema de identificação de problemas, o processo de trabalho foi reduzido e, por extensão, o tempo passou a ser utilizado de forma mais racional e os processos passaram a tramitar com maior rapidez. Ocorreu uma maior racionalização da divisão de tarefas, maior engajamento por parte dos profissionais do setor, melhora no fluxo de informações e transparência por meio do Power BI. Apesar de satisfeitos com os avanços, continuaremos buscando aprimorar a nossa prestação de serviços aos cidadãos.



Painéis de Monitoramento das ouvidorias e dos pedidos de LAI.

BIBLIOGRAFIA CITADA

WOMACK, J., JONES, D. Lean Thinking: Banish waste and Create Wealth in your Corporation. New York: NY Simon & Schuster, 1996.

COLUNA

THAÍS GARLET
BIAGINI

Carioca, apaixonada por viagens, yogini, Arquiteta e Urbanista pela FAU-UFRJ, Mestre em Engenharia Urbana pela POLI-UFRJ e atua no Planejamento Urbano da Prefeitura desde 2008.

É HORA DE REVIVER O CENTRO!

Meu nome é Thaís Garlet Biagini, sou arquiteta e urbanista e atuo na Prefeitura desde 2008, onde ingressei na então Gerência de Planos Locais 1, da Secretaria Municipal de Urbanismo. Na ocasião, fiquei muito feliz por ter sido designada para a área Central, região pela qual sempre tive especial interesse, tanto que na graduação fiz meu trabalho final propondo a reconversão de um imóvel tombado no Centro para uso residencial voltado para estudantes, projeto publicado no Ópera Prima.

Sou Líder Carioca desde 2017 e, em 2019, depois de um período de mais de três anos como assessora da área de Planejamento assumi as funções de Gerente de Planejamento Local das

Áreas de Planejamento 1 e 2, cujo escopo do trabalho abrange toda a área central, zona sul e Grande Tijuca, região que concentra 22% dos habitantes, a maior parte dos empregos, unidades de Conservação Ambiental, as paisagens de referência da cidade e cerca de 90% do patrimônio cultural.

A Região Administrativa do Centro é a mais antiga e emblemática da cidade, concentra maior porção de empregos da região metropolitana, entretanto vem há décadas perdendo população, este cenário foi agravado pela Pandemia de COVID-19 onde verificou-se também a intensificação do esvaziamento econômico.

A gestão municipal iniciada em 2021 colocou a revitalização do Centro com uma das prioridades e na Secretaria Municipal de Planejamento Urbano iniciou-se o desenvolvimento do Projeto Reviver Centro, do qual participo ativamente desde janeiro.

Tem sido um trabalho muito intenso com a articulação de diversas secretarias que resultou na aprovação, em 14

de julho de 2021, da Lei Complementar Nº 229/2021 e da Lei Nº 6.999/2021, que trazem incentivos inovadores à produção de residências nos bairros do Centro e da Lapa, sendo que já foram concedidas duas licenças para a construção de edifícios de apartamentos, um resultado bastante animador.

O Projeto Reviver Centro vai além dos incentivos ao uso residencial e da captação de recursos para investimento em melhorias no bairro, inclui programas habitacionais, o Distrito de Baixa Emissão, Distrito de Conhecimento, dentre vários outros programas. Em paralelo, já está em fase de implementação o Plano de Requalificação, do qual também participo e que é conduzido pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, envolvendo diversos órgãos Municipais.

Enfim, estamos investindo toda energia para a requalificação desta área tão importante e estratégica para o futuro e para a memória da nossa cidade.

ARTIGO

ANÁLISES ECONÔMICAS DO RIO

CHICÃO BULHÕES

Secretário de Desenvolvimento
Econômico, Inovação e Simplificação.

MARCEL GRILLO BALASSIANO

Subsecretário de Desenvolvimento
Econômico e Inovação.

MAÍRA ALBUQUERQUE PENNA FRANCA

Diretora do Escritório de Política
Econômica da SUBDEI/SMDEIS.

¹ Ver também "A mais profunda recessão mundial no pós-guerra e seus impactos na economia do Rio", de Bulhões e Balassiano (2021), publicado no Blog do IBRE. Disponível em: <https://bit.ly/39AvQh6>
E "Pontes para atravessar a crise econômica da covid no Rio de Janeiro", de Bulhões e Balassiano (2021), publicado no site Congresso em Foco. Disponível em: <https://bit.ly/3o3ErkF>

Um dos principais focos da Subsecretaria de Desenvolvimento Econômico e Inovação (SUBDEI), da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação (SMDEIS) da Prefeitura do Rio de Janeiro é realizar estudos sobre a economia carioca¹ e elaborar políticas públicas, a fim de subsidiar as decisões da alta gestão, baseadas em dados e evidências empíricas, e analisar os principais indicadores para avaliação do desempenho da economia do Rio.

ARTIGO

Para realizar esse trabalho, a SUBDEI conta com o Escritório de Monitoramento e Processamento de Dados. De acordo com Cunha (2017, p. 8),² “o estudo dos ciclos econômicos é de extrema importância na análise macroeconômica (...), já que auxilia na tomada de decisão dos agentes políticos no que tange incentivar períodos de expansão e mitigar períodos recessivos. Compreender como os ciclos são formados e como os componentes da atividade econômica reagem a cada momento permite o direcionamento de políticas públicas com vistas a melhorar o desempenho econômico de um país”, sendo importante também no contexto estadual ou municipal.

Com o objetivo de realizar um acompanhamento conjuntural da economia carioca, a SMDEIS divulga mensalmente o Boletim Econômico do Rio, que conta com seções sobre atividade econômica, inflação e mercado de trabalho do Rio. O objetivo do Boletim é compilar, analisar e divulgar dados da economia carioca para fornecer um diagnóstico da situação econômica, subsidiando a tomada de decisões e a elaboração de políticas públicas baseadas em evidências. O lançamento da segunda edição do Boletim, no dia 19 de julho de 2021, foi realizado no Palácio da Cidade, e contou com a presença do prefeito Eduardo Paes e uma palestra para a imprensa sobre o cenário econômico do Rio feita pelo secretário Chicão Bulhões. Um dos principais destaques da terceira edição do Boletim Econômico do Rio³ foi a criação de 22 mil novos empregos formais no primeiro semestre deste ano no Município do Rio de Janeiro, contra a perda de quase 120 mil no mesmo período do ano passado. Vale ressaltar que as principais informações do Boletim Econômico do Rio já foram capas no Diário Oficial da Prefeitura do Rio, além de grande repercussão na imprensa também.

—
2 Cunha, Juliana Carvalho da (2017). “Construção de Indicador Mensal de PIB e Componentes para Datação de Ciclos Econômicos: uma Análise de Janeiro de 1980 a Setembro de 2016”, Dissertação do Mestrado em Finanças em Economia Empresarial, FGV EPGE. Disponível em: <https://bit.ly/3u6UIMp>

—
3 Disponível em: <https://bit.ly/2XWGRXF>

—
4 Dado que a economia carioca representa cerca de metade do PIB fluminense, há alguma relação entre os dados do Estado do Rio de Janeiro e da capital. Ver a Nota Explicativa do IAE-Rio, nas páginas 20 e 21 do Boletim Econômico do Rio. Disponível em: <https://bit.ly/3zHgZvM>

—
5 Sobre o IAE-Rio, ver também o artigo “Indicador de Atividade Econômica do Rio em alta” de Bulhões, Balassiano e Gerardus (2021), publicado no Blog do IBRE. Disponível em: <https://bit.ly/3CJSHmM>

Segundo Cunha (2017, p. 8), “a maior barreira no estudo dos ciclos econômicos é o conjunto de informações a ser utilizado uma vez que, em geral, não há disponibilidade de informações em alta frequência e em uma série longa de tempo. Quanto mais extensa a série temporal analisada, melhor a compreensão dos ciclos econômicos e, quanto maior a frequência dos dados maior a precisão das datações”. Ou seja, uma das principais dificuldades de se analisar dados econômicos no nível regional, principalmente municipal, é a falta de dados. Para suprir essa lacuna, a SMDEIS elaborou o Indicador de Atividade Econômica do Rio (IAE-Rio), para acompanhar mensalmente a evolução da economia carioca, principalmente do setor de serviços, incluindo o comércio, que representa 86% da economia do Rio e é o segmento que mais emprega a população carioca. O IAE-Rio é baseado, principalmente, na arrecadação do Imposto sobre Serviços (ISS), divulgado pela Secretaria Municipal de Fazenda e Planejamento (SMFP) do Rio, e em menor peso, na Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) e na Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do Estado do Rio de Janeiro, ambas elaboradas pelo IBGE.⁴ O IAE-Rio⁵ é divulgado mensalmente na seção de atividade econômica do Boletim Econômico do Rio. A metodologia do Indicador de Atividade Econômica do Rio está disponível no Estudo Especial no 2 da SUBDEI/SMDEIS.

Na terceira edição do Boletim Econômico do Rio também foi divulgado que o IAE-Rio acumulou uma alta em maio de 2021, de 2,3%, em termos reais, em comparação com o final de 2020. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o IAE-Rio cresceu 13,5%. Nos cinco primeiros meses do ano, o indicador cresceu 2,8%, em comparação com o mesmo período do ano

ARTIGO

passado. Na comparação com o mês imediatamente anterior, o Indicador de Atividade Econômica do Rio aumentou 0,1%. Para suavizar essa volatilidade, calcula-se uma média móvel de três meses (MM3M). Na MM3M terminada em maio de 2021, o IAE-Rio apresentou uma alta de 1,2%. No acumulado em 12 meses, o IAE-Rio estava em tendência de alta, apesar de ainda estar no terreno negativo, em função dos últimos meses de queda, por causa da pandemia e seus impactos na economia (-1,3%, nos últimos 12 meses terminados em maio).

Outro dado bastante defasado, de mais de dois anos, é o PIB municipal, divulgado pelo IBGE. A última informação disponível é de 2018. Com isso, a equipe econômica da SMDEIS elaborou um modelo para estimar os dados do PIB do Rio dos últimos anos, e realizar projeções para os próximos anos, cuja metodologia está disponível no Estudo Especial no 3 da SUBDEI/SMDEIS, “Metodologia de Estimação do PIB Anual do Rio, por Meio de uma Relação com o PIB do Brasil”. Vale ressaltar que a correlação entre as taxas dos dados efetivos e estimados para o crescimento real do PIB carioca para o período 2011-2018⁶ é bem alta, de 0,89. Com a aceleração da vacinação, as perspectivas para a economia brasileira e carioca estão melhorando, reforçando o discurso de que o melhor plano econômico é a vacina! Para o ano de 2021, estimativas da SMDEIS, divulgadas na terceira edição do Boletim Econômico do Rio, indicam que o PIB do Município do Rio de Janeiro deve crescer, em termos reais, 5,4%, após a forte queda estimada de 2020 (-5,6%).

Na linha de fazer diagnósticos sobre diversos temas da economia carioca, a SMDEIS fez um trabalho (Estudo Especial no 4 da SUBDEI/SMDEIS) sobre “Mulheres negras, mer-

—
6 Como a série pela metodologia nova do IBGE começa em 2010, a primeira taxa é de 2011 (taxa de 2011 = nível de 2011 / nível de 2010).

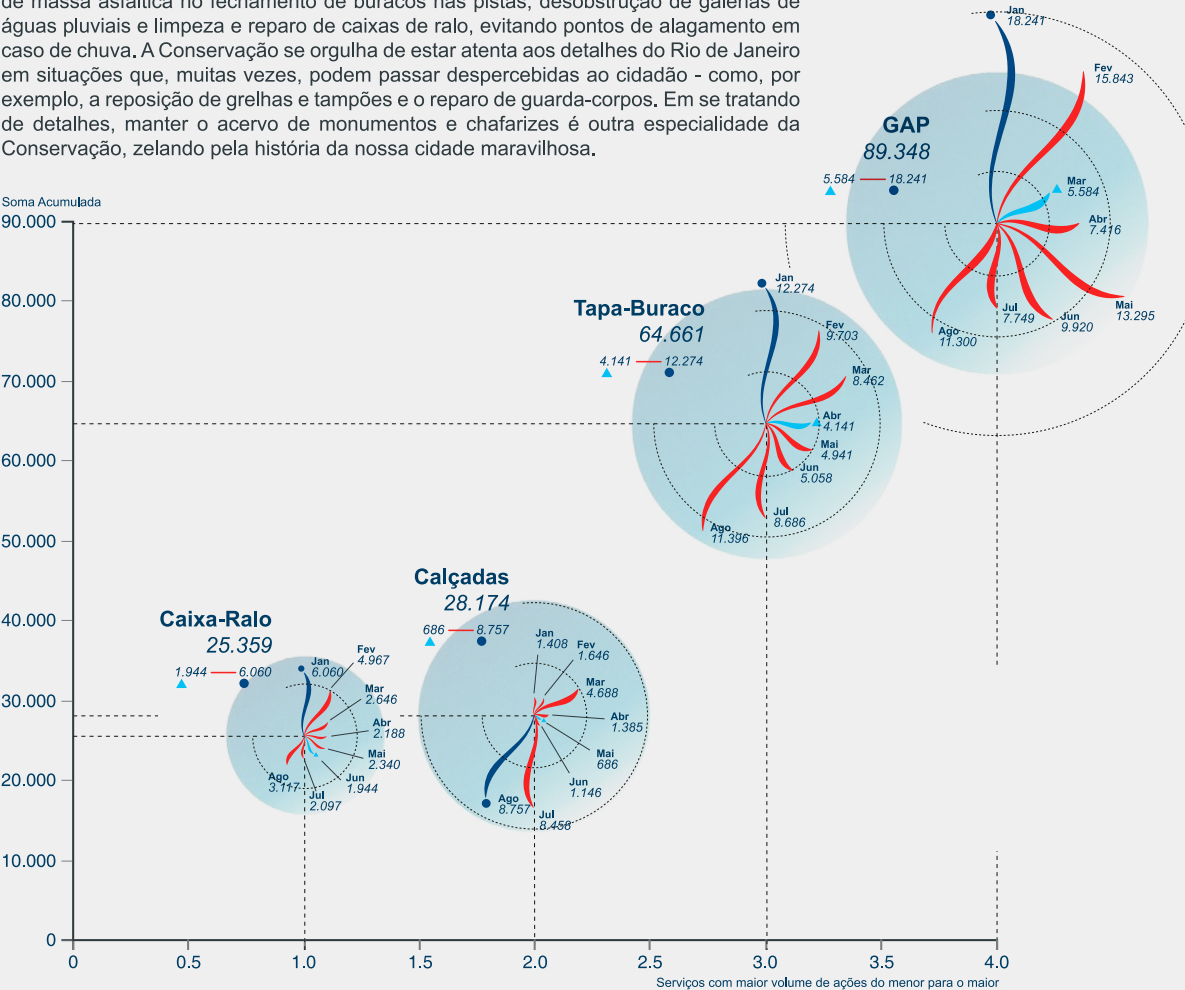
cado de trabalho e pandemia no município do Rio de Janeiro”. A conclusão do estudo foi que as mulheres negras foram mais afetadas pela pandemia no mercado de trabalho devido a maior incidência dessas mulheres em ocupações informais e em atividades de serviços, que foram bastante impactadas pelas medidas de distanciamento social e que não podem ser realizadas de forma remota. O objetivo desse tipo de estudo é auxiliar na elaboração de políticas públicas baseadas em evidências. O estudo foi capa do Diário Oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro em 13 de agosto deste ano. Duas das principais metas divulgadas no Planejamento Estratégico da Prefeitura, lideradas pela SMDEIS, são: reduzir a taxa de desemprego, de 14,7% (média de 2020) para 8% em 2024, e fortalecer a economia carioca, com uma taxa de crescimento média de 3% do PIB do Rio entre 2021 e 2024. Somente com uma economia mais robusta, e com mercado de trabalho mais aquecido, será possível reduzir as desigualdades. Ou seja, este diagnóstico está alinhado às metas perseguidas pela SMDEIS. Por exemplo, em 2015, o cenário econômico do Rio era completamente diferente, sendo muito mais favorável. Nesse período pré-Olimpíadas, a taxa de desemprego das mulheres negras no Rio era de 6,9%, contra 4,7% da taxa de desemprego total. Quatro anos depois, em 2019, a taxa de desemprego delas aumentou mais de 10 pontos percentuais, e passou para 17,8%. Nesse mesmo ano, o desemprego médio do Rio foi de 12,5%. Com a pandemia, a situação se agravou mais ainda, passando para 21,8% a taxa de desemprego das mulheres negras no Rio e 14,7% para a média total de desemprego carioca em 2020.

No começo do ano foi enviada para a Câmara Municipal de Vereadores, pela SMDEIS, o PL da Liberdade Econômica, um

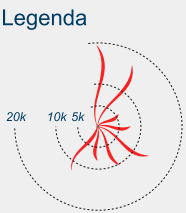
projeto de lei que garante autonomia para quem deseja empreender sem enfrentar muitas burocracias e elimina a necessidade de alvará para atividades de baixo risco, e que deve ser votado no segundo semestre deste ano. Estimativas da SMDEIS indicam que o PIB per capita do Rio deve aumentar em R\$ 4 mil em até dez anos, passando de R\$ 54,4 mil para R\$ 58,4 mil, gerando 115 mil novos empregos nesse mesmo período. Essas estimativas estão no primeiro Estudo Especial da SUBDEI/SMDEIS, “Lei da Liberdade Econômica: Impactos Potenciais no PIB per capita e na Geração de Empregos no Rio”, e que também fazem parte do conjunto das análises econômicas elaboradas pela SMDEIS.

Em resumo, este artigo mostrou o trabalho que vem sendo feito pela SMDEIS no que se refere às análises e estudos sobre a economia carioca, e o quanto isso é importante para realizar os diagnósticos corretos e servir de subsídios para a elaboração de políticas públicas para o Rio, beneficiando a vida dos cariocas.

A **Secretaria Municipal de Conservação - SECONSERVA** tem em suas atribuições serviços que visam sanar problemas do dia a dia do cidadão, como reposição de massa asfáltica no fechamento de buracos nas pistas, desobstrução de galerias de águas pluviais e limpeza e reparo de caixas de ralo, evitando pontos de alagamento em caso de chuva. A Conservação se orgulha de estar atenta aos detalhes do Rio de Janeiro em situações que, muitas vezes, podem passar despercebidas ao cidadão - como, por exemplo, a reposição de grelhas e tampões e o reparo de guarda-corpos. Em se tratando de detalhes, manter o acervo de monumentos e chafarizes é outra especialidade da Conservação, zelando pela história da nossa cidade maravilhosa.



Além dos serviços executados pela Conservação que estão dispostos no gráfico, destacam-se as ações listadas abaixo, mostrando o tamanho e a complexidade desta secretaria.



Representado pelos elementos em vermelho, temos os indicadores quantitativos de serviços executados por mês, em ordem crescente, e o raio de faixa de valores de referência.

Conjunto de informações: mostra os valores “MÍNIMO” e “MÁXIMO” de serviços executados ao longo do período.

Indicador proporcional: mostra a diferença dos valores entre os tipos de serviços executados, do menor para o maior.

ENTREVISTA

PLANOS DIRETORES
E ESTRATÉGIAS
DE PARTICIPAÇÃO.**ANDREA
PULICI**

Geógrafa pela UFRJ, mestre e doutora em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ. Desde 2015 é Coordenadora Técnica de Projetos Especiais do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos – IPP.

**VALÉRIA
HAZAN**

Arquiteta, Mestre em Urbanismo e concursada da Prefeitura há 16 anos. Gerente de Macroplanejamento da SMPU, ex Subsecretária de Urbanismo e Líder Carioca Alumni.

**WASHINGTON
FAJARDO**

Arquiteto e Urbanista pela UFRJ. Loeb Fellow pela Harvard Graduate School of Design. Atualmente é Secretário Municipal de Planejamento Urbano e Presidente do Instituto de Urbanismo Pereira Passos.

Construir cidades é um desafio coletivo: organizar as pessoas no espaço, suas necessidades, sem deixar de contemplar suas liberdades e seus desejos. Para fazer frente a esse desafio, as administrações recorrem a instrumentos de planejamento urbano, como o Plano Diretor. Importante e obrigatório para municípios com população maior que vinte mil habitantes no Brasil, essa ferramenta vem, com seus sucessos e limitações, influenciando profundamente a realidade de nossos espaços urbanos.

CidadelNova entrevistou profissionais que atuam no planejamento urbano da Prefeitura do Rio de Janeiro para conversar sobre a importância da participação social e o desafio da revisão do Plano Diretor da cidade, em meio à pandemia do COVID-19.

ENTREVISTA

MAS AFINAL, O QUE É UM PLANO DIRETOR?

Para Washington Fajardo, atual Secretário Municipal de Planejamento Urbano, o plano diretor deve “estabelecer as regras para o desenvolvimento dos lotes privados, a qualidade do espaço público, para onde a cidade deve crescer e adensar, e, especialmente, para onde não deve, protegendo e conservando os recursos naturais.”

A Gerente de Macroplanejamento da SMPU, Valéria Hazan, explica que o Plano é “um pacto da sociedade, sobre o futuro da cidade em relação ao desenvolvimento urbano e ambiental” e complementa: “busca, também redistribuir os benefícios da valorização do solo pelas diversas áreas, o equilíbrio, a inclusão e a sustentabilidade.”

Andrea Pulici, Coordenadora Técnica de Projetos Especiais do IPP, acrescenta que o plano “é desenvolvido através de estudos realizados pelos técnicos da prefeitura, com participação e escuta da sociedade civil para atender as necessidades dos moradores e promover uma melhor qualidade de vida na cidade, com objetivo de torná-la mais justa, sustentável e inclusiva.”

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO POPULAR

Para Pulici, é fundamental assegurar a participação nas discussões e debates sobre o futuro da cidade para que possamos ter uma cidade voltada para o bem da coletividade. “A participação da comunidade, enquanto forma de controle social, é mecanismo de prevenção da corrupção e fortalecimento da cidadania. Além disso, este momento de construção coletiva, dos debates e discussões com os movimentos sociais, academia e população, é fundamental para aproximar a prefeitura

dos seus cidadãos, escutar propostas e críticas sobre os serviços, planos e projetos apresentados e dar mais transparência ao processo de discussão da legislação que está sendo proposta para os próximos 10 anos”

Hazan lembra a importância do corpo técnico nessa mediação dos interesses e necessidades da cidade e na construção da lei: “Cabe aos técnicos indicar os caminhos e mediar os interesses dos diversos grupos sociais, buscando o equilíbrio.”

PROBLEMAS COMUNS EM PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR E ESTRATÉGIAS PARA MITIGAR ESSAS INTERCORRÊNCIAS

Fajardo ressalta um desafio duplo na construção de planos diretores. “Primeiro, um aspecto da natureza intrínseca do Plano Diretor, que é muito técnica, criando um grande desafio de comunicação. O PD trata de conceitos, instrumentos e soluções urbanas e ambientais que são complexos para o grande público.” O segundo desafio apresentado pelo Secretário é o aspecto temporal: “... pois o Plano Diretor mira um tempo futuro. Esta visão distante, mesmo sendo de apenas dez anos, tanto pode assustar moradores que não querem que nada mude, como pode ameaçar quem não confia na ação do Estado, dado o histórico ruim na relação com o cidadão.”

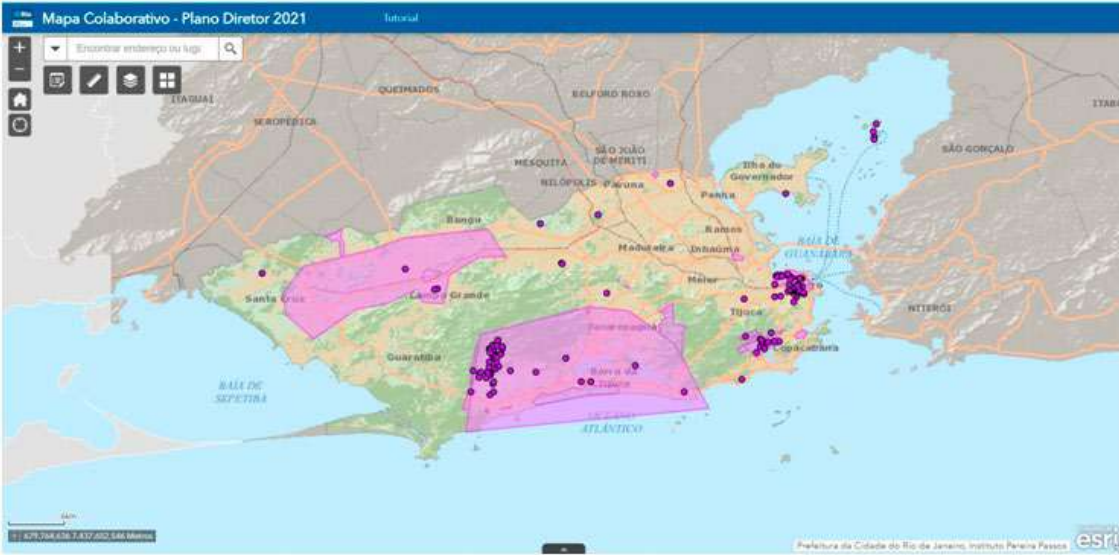
Valéria Hazan, gerente da equipe na elaboração da proposta do plano do Rio de Janeiro deste ano, ressalta que o desinteresse e o desconhecimento do assunto geram descrédito ou expectativas erradas em relação ao alcance do Plano. “Para mitigar essas intercorrências é preciso criar ferramentas interativas de comunicação, divulgação e participação, com linguagem acessível. É preciso fazer do planejamento urbano um

assunto do cotidiano da população, através da educação e de fóruns de debate permanente."

Tendo participado da elaboração da comunicação do Plano, Pulici ressalta como maior problema a falta de transparência e de dados que subsidiem os diagnósticos e projetos que são apresentados. Para a Geógrafa, além da clareza da acessibilidade da linguagem, é necessário "garantir acesso à informação adequada e ao conhecimento técnico. E para isso é fundamental que a sociedade seja mobilizada para esse processo, com divulgação e publicidade adequadas visando chegar a todos os cidadãos."

FERRAMENTAS DA DISCUSSÃO DO PLANO DIRETOR DO RIO DE JANEIRO

Com o atual Plano Diretor datando de 2011, este ano completa o prazo de 10 anos definido para a sua revisão. O Secretário Fajardo explica a estratégia da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano para o desenvolvimento da proposta, em meio aos desafios impostos pela pandemia: "Para a atual revisão do Plano Diretor do Rio criamos um ambiente na web, o site plano-diretor.rio, bem como muitas ferramentas de acompanhamento e de interação. Tanto é possível acompanhar as reuniões online e seus registros gravados, como tecnologias de desenho, para permitir de fato que se desenhe propostas em mapas interativos. Tal plataforma acabou permitindo muitas trocas, permite também que o processo fique gravado e seja criada uma memória, com fácil acesso a documentos e expressão de dissenso, registrando críticas e contestações.



Mapa participativo aberto à contribuições da sociedade civil da plataforma planodiretor.rio.

A Secretaria de Planejamento Urbano abriu um chamamento público inovador para a participação social, onde entidades da sociedade civil puderam se inscrever para participar, a muitas mãos, do processo de construção do Plano. Pulici acrescenta que "foram realizadas enquetes virtuais, realização de audiências públicas virtuais e híbridas e cerca de 30 reuniões semanais de trabalho para a consolidação das discussões realizadas."

O DESAFIO DA REPRESENTAÇÃO DOS VULNERÁVEIS NA ESTRATÉGIA DIGITAL

A grande revolução digital, dos últimos anos, permitiu que se criassem novos canais para a participação. Mas os grupos mais vulneráveis socialmente têm se apropriado desses canais? Como garantir representatividade no planejamento? O Secretário argumenta: "As redes sociais estão presentes em todos os aspectos da vida contemporânea. O processo eleitoral conta, basicamente, com o alcance das redes. As pessoas tomam decisões baseadas nas suas experiências digitais. Decisões de compra, de formação de opinião, de posicionamento político. Logo, estamos hoje absolutamente imersos neste ambiente midiático e somos parte indelével dele."

ENTREVISTA

Tanto para Hazan quanto para Pulici, o processo digital de participação impactou negativa e positivamente a revisão do plano. Hazan relata que a estratégia, exigida pela pandemia, “por um lado restringiu os encontros presenciais, que talvez permitissem a participação ampliada da população mais vulnerável socialmente. Por outro lado, a disponibilização de ferramentas digitais e organização de *reuniões virtuais permitiu ampliar a participação ao vivo e ampliação de visualizações em relação a processos anteriores de participação.”

Pulici admite que ainda há limitações no processo de planejamento digital: “Mesmo os técnicos que estavam trabalhando no plano muitas vezes tiveram problemas em garantir a estabilidade de conexão no decorrer das reuniões. Quando avaliamos as respostas das enquetes realizadas, apesar de serem números bastante expressivos (mais de 15 mil participações, o que dificilmente conseguiríamos de forma presencial), o recorte dos dados nos traz ainda uma predominância de moradores das aps 2 e 3, brancos e na faixa etária de 40 a 50 anos.”

A técnica lamenta apenas não ter sido possível ampliar o debate, principalmente na etapa devolutiva da lei finalizada: “Ficamos devendo essa devolutiva a todos que bravamente estiveram nas longas reuniões de debate dentro dos grupos de trabalho e nas audiências realizadas.”

Apesar das dificuldades do processo digital, Andrea considera um sucesso a experiência: “Quando analisamos as atas das reuniões de debate do plano diretor passado, pode-se perceber várias reuniões onde não tínhamos 20 pessoas na plateia. Deste modo, acredito que o processo desenvolvido nesta revisão pode ser considerado um case de sucesso.”

De fato, a tecnologia vem sendo fundamental ao longo de todo o processo de revisão do Plano Diretor. Com suas limitações e enormes potencialidades, o trabalho está sendo documentado no portal participa.rio e no canal do Youtube da Secretaria. O extraordinário geógrafo Milton Santos escreveu em seu último livro, *Por uma Outra Globalização*, sobre as possibilidades das novas tecnologias na construção de uma nova sociedade. Esperamos que esse processo seja um desses novos caminhos tecnológicos que contribuam para, como concluiu o autor, “assegurar uma mutação filosófica do homem, capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e, também, do planeta.”

Plataforma
planodiretor.rio



CONSTRUINDO PONTES

UM PROJETO PARA
APRIMORAR A ARTICULAÇÃO
ENTRE O MUNICÍPIO DO RIO DE
JANEIRO E O PODER FEDERAL

RODRIGO OTAVIANO VILAÇA

Coordenador Geral da CGRIAF. Graduado em Administração e especialista em Logística e Transportes. Fundador da FGV Transportes e da ANPTrilhos e Conselheiro de Administração de diversos órgãos em São Paulo e Brasília.

CO-AUTORES: EQUIPE DA CGRIAF

¹ Decreto nº 48.611, publicado em 16 de março de 2021 no Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro.

Com o início da nova gestão do prefeito Eduardo Paes, mais um projeto visando ao aprimoramento da gestão de políticas públicas no Município do Rio de Janeiro foi criado. A Coordenadoria Geral de Relações Institucionais e Assuntos Federativos (CGRIAF), criada em 2021, teve sua estrutura vinculada à Secretaria Municipal de Governo e Integridade Pública (SEGOVI)¹, garantindo a transversalidade e dinâmica necessárias para o bom desenvolvimento de suas ações.

ARTIGO

Objetivando articular a implementação de políticas públicas e iniciativas dos Poderes Executivo e Legislativo Federal de impacto no Município do Rio de Janeiro, a CGRIAF atua próxima aos órgãos da Administração Direta e Indireta do município nos campos político, técnico e de informação, especialmente a partir da identificação de ações, recursos disponíveis, programas, planos e projetos de interesse, do âmbito da União, e da propositura de ações às respectivas áreas de atuação no município.

Ao ser criada, a CGRIAF agrega a sua estrutura o Escritório de Representação do Município do Rio de Janeiro em Brasília (Escritório de Brasília), até então ligado ao Gabinete do Prefeito. Criado na gestão do ex-prefeito César Maia, originalmente, o Escritório de Brasília foi pensado como um espaço para facilitação do trânsito de documentos e do diálogo com o Governo Federal. Ao longo dos anos, passou a atuar como uma espécie de ponto de apoio aos órgãos municipais para solução de problemas e demandas junto aos órgãos federais, especialmente na gestão de instrumentos de parceria celebrados com a União.

Foi essencialmente a partir dessa longa experiência do Escritório de Brasília que diversas lacunas de gestão começaram a ser identificadas. A principal percepção é de que havia um potencial enorme de oportunidades e recursos federais sendo subutilizados pelo Município do Rio. A segunda, com relevância não desprezível, era a ausência de uma gestão integrada e coordenada entre as ações do Escritório de Brasília e das Secretarias e demais entidades municipais no Rio de Janeiro em relação aos assuntos relacionados à esfera federal.

A fim de comprovar essas impressões, duas pesquisas foram elaboradas pela CGRIAF. A primeira, realizada em janeiro de 2021, buscou verificar o status dos convênios celebrados

—
2 Sistema CAUC. Vide <https://sti.tesouro.gov.br/cauc/index.jsf>. Acessado em janeiro de 2021.

—
3 Vide pesquisa realizada pela CGRIAF junto aos gestores em junho de 2021: <https://forms.gle/42gt9jBPkjrUldWr9>

—
4 Painel de Indicadores +Brasil, disponível em: <https://bit.ly/2XY8u2z>. Acessado em 30/08/2021.

pela Prefeitura do Rio entre 2010 e 2020, a partir da base de dados do Serviço Auxiliar de Informações para Transferências Voluntárias, o “Sistema CAUC”². A segunda, enviada aos gestores municipais em junho de 2021, buscou compreender o conhecimento e as dificuldades desses gestores em relação às Transferências Voluntárias da União – um dos assuntos demandados ao Escritório de Brasília³.

Com relação à primeira pesquisa, foram identificados 128 convênios celebrados, sendo que desse total, 27 (21%) foram perdidos em razão de impedimentos técnicos como erro de documentação, não observância de prazos, atraso no cumprimento de metas, falha na prestação de contas, além de questões políticas como falta de feedback ao parlamentar sobre o desenvolvimento do projeto objeto de indicação de emenda parlamentar. Isso representou uma perda para gestão municipal de, aproximadamente, R\$ 50 milhões em recursos da União.

Há ainda uma série de projetos da Prefeitura do Rio que obtiveram indicação de emendas parlamentares por deputados e senadores, mas deixaram de se tornar instrumentos formais em razão da não apresentação de propostas ou planos de trabalho no sistema de gestão de transferências, o que, mais uma vez, desemboca na subutilização de recursos federais para o financiamento de projetos municipais.

Outro dado de extrema relevância neste cenário é o indicador do Índice de Desempenho da Gestão das Transferências Voluntárias da União – IDTRV, elaborado pelo Ministério da Economia com informações do Sistema SICONV, disponível no Painel de Indicadores +Brasil⁴, que tem por objetivo avaliar o desempenho do Conveniente quanto à qualidade das suas propostas e no processo de gestão dos instrumentos firmados

ARTIGO

com a União. O indicador do Município do Rio em agosto de 2021 é de 59,95, do total de 100, enquanto o índice médio dos demais municípios do seu mesmo grupo⁵ neste mesmo período é de 67,75 – significativamente superior.

Já a pesquisa realizada junto aos gestores, dentre outras informações, revelou as principais dificuldades dos órgãos na celebração de parcerias com a União: em pergunta com múltipla seleção de respostas, 80,6% dos 31 respondentes indicaram que a maior dificuldade na celebração de parcerias com a União é de acesso a informações sobre oportunidades de parcerias (financiamentos, acordos de cooperação, etc.); em segundo lugar, por sua vez, 51,6%, dos gestores indicaram que a maior dificuldade é na articulação junto aos órgãos da União⁶.

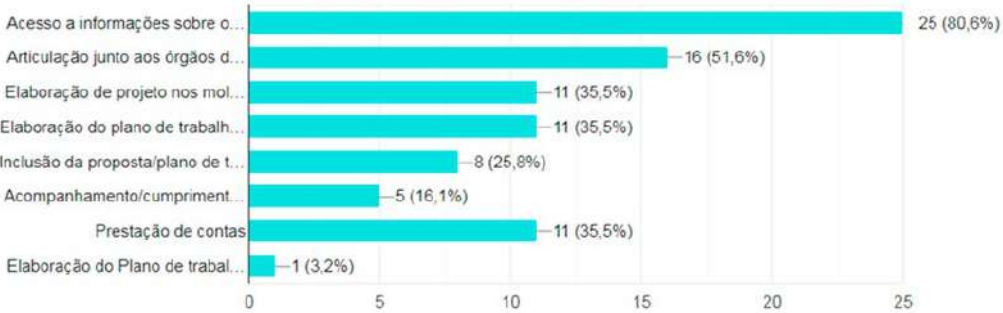
Estes dados, portanto, reforçam as impressões que vinham sendo colhidas. A ausência de uma gestão integrada do Escritório de Brasília com os demais órgãos da Prefeitura do Rio, aliada à dificuldade no acesso a informações e de articulação junto aos órgãos federais prejudica a construção e manutenção de boas práticas de gestão de projetos desenvolvidos em parceria com a União.

Diante dos desafios impostos para aprimorar a gestão e integração entre os polos Brasília e Rio de Janeiro, foram implementadas pela CGRIAF, desde o início de 2021, ações com o objetivo de conter, já em um primeiro momento, os riscos decorrentes destas lacunas. Uma das principais estratégias é a promoção do acesso à informação.

É neste escopo que surge o Boletim Conexão Brasília-Rio, iniciado em junho de 2021 e enviado semanalmente aos gestores com informações colhidas nos sítios eletrônicos de todos os Ministérios do Governo Federal, da Câmara dos Deputados,

5 Grupo 8 (Acima de 100 mil habitantes – PIB Per Capita acima de R\$ 28.900)

6 Figura 1: Acesso a informações sobre oportunidades de parcerias com a União (financiamentos, acordos de cooperação, etc.); Articulação junto aos órgãos da União; Elaboração de projeto nos moldes especificados pelo ente concedente; Elaboração do plano de trabalho nos moldes especificados pelo ente concedente; Inclusão da proposta/plano de trabalho na Plataforma +Brasil; Acompanhamento/cumprimento de metas; Prestação de contas; Elaboração de Plano de trabalho.



Dados gerados automaticamente pela plataforma Google Forms, a partir de pesquisa realizada pela CGRIAF junto aos gestores da PCRJ

7 Acesse aqui as edições do Boletim Conexão Brasília-Rio: <https://bit.ly/3u90K7W>

do Senado Federal, da Plataforma +Brasil, do Tribunal de Contas da União, da Controladoria-Geral da União, do Tesouro Nacional, entre outros⁷.

O Boletim, como o próprio nome apresenta, se propõe a estabelecer uma conexão entre as mais diversas oportunidades e informações existentes no âmbito dos poderes Executivo e Legislativo Federal e os órgãos municipais do Rio de Janeiro, colhendo-se e disponibilizando informações sobre o cenário federal, oportunidades de transferências de recursos e celebração de parcerias, de capacitação de gestores, cronogramas e comunicados de essencial conhecimento dos gestores do médio e alto escalão, entre outros. Assim, pretende-se que

ARTIGO

o Boletim se torne um dos principais mecanismos de difusão de informações das ações de Brasília dentro da Prefeitura do Rio – fomentando não apenas o conhecimento, como também a articulação entre os órgãos municipais e federais. É válido mencionar que a idealização do Boletim foi fruto do aprimoramento de práticas que já vinham sendo realizadas pela CGRIAF desde o início do ano, ainda que de forma menos estruturada.

Outra ação de impacto voltada para a mesma estratégia de promoção de acesso à informação, planejada ainda para o segundo semestre de 2021, e com previsão para ocorrer anualmente, é a realização de um webinar sobre transferências da União com palestrantes reconhecidamente especializados no tema. Com isso, o objetivo é garantir aos técnicos conhecimentos básicos sobre esse mecanismo de captação de recursos públicos, evitando assim sua subutilização.

Nesse sentido, alguns resultados interessantes das práticas adotadas pela CGRIAF foram notados já no primeiro semestre. O primeiro deles foi o aumento da disponibilização de emendas parlamentares à Prefeitura do Rio de R\$ 9,1 milhões em 2020 para, aproximadamente, R\$ 47 milhões até o presente momento em 2021⁸⁻⁹.

Notou-se também um crescimento expressivo na busca dos órgãos municipais pela CGRIAF para solução de demandas junto aos Ministérios, referentes a propostas e programas federais derivado, em sua maioria, da procura espontânea dos gestores em uma atuação mais preventiva e responsável. A mesma realidade se aplica na ponta de Brasília, por parte dos Ministérios, assessorias parlamentares e demais órgãos federais, que passam a encontrar na CGRIAF um ponto de interlocução consistente para o encaminhamento de suas ações dentro da Prefeitura do Rio.

—
8 Dados disponíveis no Painel Parlamentar +Brasil. Vide <https://bit.ly/3ERxVvq>. Acessado em 02/09/2021.

—
9 Uma vez que todo o processo de análise e disponibilização das emendas parlamentares de 2021 ainda não foi finalizado, é possível que este valor sofra alterações.

Ainda, o interesse por mais informações de Brasília também continua se demonstrando uma realidade quando verificamos o incremento praticamente semanal nos índices do Boletim Conexão Brasília-Rio, além do inexpressivo número de indivíduos inscritos e que optaram por não mais receber tais informações.

Todas as ações apresentadas até aqui estão em pleno desenvolvimento e constante aprimoramento pela CGRIAF. Contudo, os esforços de diagnóstico das lacunas existentes na gestão dos projetos em parceria com a União, aliada às respostas a estas lacunas apresentadas até o momento, isto é, voltadas para melhoria da integração e coordenação das ações, da articulação entre os órgãos municipais e federais e de promoção de acesso à informação, indicam que o caminho que está sendo traçado seguirá construindo pontes.

COLUNA

JANA LIBMAN

Analista Técnica Administrativa graduada em Comunicação Social (UFF), com pós-graduação em Comunicação e Imagem (PUC-RJ) e em Psicologia Positiva (IIPsi+). Possui certificação em Coaching Integrado (ICI) e participante do Programa Women's Leadership Network (Columbia University).

CICLOS

A vida é feita de ciclos. Dias e noites, horas e minutos, meses, estações e anos imprimem o ritmo da existência. Em meio aos ciclos, a oportunidade constante de se renovar e se reinventar. Cada momento pode ser uma oportunidade para aprender, descobrir uma nova habilidade, superar desafios e limitações, conhecer alguém, algo, lugares novos.

Ciclos têm início e fim. Por isso implicam em términos: deixar um ciclo em aberto – uma conversa inacabada, um último olhar esquecido para aquele lugar encantador, um trabalho não entregue – deixa uma sensação de eterna pendência, que só é minimizada com a tomada de consciência de que aquele ciclo precisa ter um fim, para que venha o novo: novas oportunidades, começos, caminhos, possibilidades, encontros...

Encontros que levam ao conhecido e ao desconhecido, tanto de nós quanto dos outros. Nas interações, ainda que virtuais, temos a oportunidade de conversar, aprender, descobrir, trocar, argumentar, persuadir. Encontros são oportunidades de trazer à luz o que temos de melhor; é questão de posicionamento pessoal, de vontade íntima e de senso de pertencimento: dar o nosso melhor é fazer desse mundo um lugar onde vale a pena viver.

Para dar o melhor, é preciso saber o que se tem de melhor. Parece óbvio, mas por um longo tempo, muitos de nós deixamos de priorizar uma real e profunda conexão pessoal, porque tínhamos alguém ou algo a que nos dedicar. Esquecemos que, antes de qualquer coisa, temos que ser boas companhias para nós mesmos. Para isso, precisamos querer nos conhecer, nos aceitar, valorizando o que temos de bom, virtuoso e positivo; identificando também o que pode ser melhorado e ajeitar logo isso. A vida tem pressa, os ciclos não dão trégua.

Vida que segue um ritmo próprio, que pode não ser necessariamente o nosso. Mas não quer dizer que não possamos nos adaptar. Ou tentar surfar em novas ondas, dançar novos ritmos, buscar novos pares. Adaptar-se é também ter a oportunidade de novas descobertas que, gostemos ou não, nos fortalecem para que possamos decidir se continuamos na mesma rota ou buscamos novas, desconhecidas e surpreendentes trilhas.

Independente do caminho escolhido, o ideal é que tenhamos em mente qual o objetivo a alcançar, qual o legado que iremos deixar, qual obra nos propomos a concluir. Ter metas claras e factíveis nos ajudam especialmente nos momentos de adversidade, aqueles que desestruturam, desconcertam, mas que podem nos tor-

nar mais fortes especialmente se soubermos fazer do limão uma limonada.

Continuar no caminho demanda energia, entrega e dedicação. Quando o esforço parece grande demais, saber qual o nosso propósito de vida e o porquê de acordarmos todos os dias, pode dar o estímulo necessário para buscarmos a energia que parece ter se dissipado no universo de coisas por fazer, prazos a cumprir, rotinas repetitivas. E entender isso amplia o entendimento com relação ao nosso papel tão singular nesse emaranhado de vidas que todos os dias temos a possibilidade de encontrar.

Muitas são as possibilidades que às vezes passam sem que a gente perceba, porque há algo mais interessante – mas não necessariamente prioritário – para fazer. Priorizar o que é importante e relevante é um desafio porque o que é prioritário muitas vezes dá trabalho, exige pensar mais, se mexer mais, abrir mão do confortável e de verdades consideradas absolutas por décadas. Mas quando reconhecemos e abraçamos nossas prioridades, entramos no curso daquilo que temos de mais valioso, que é a nossa essência, a nossa natureza mais íntima. Assim, nos sentimos mais presentes e conectados com o mundo, com o próximo, com a vida. Vida essa que tem pressa, passa rápido, mas sempre oferece o tempo para nos reinventarmos porque, afinal, ela é feita de ciclos.

O COMBATE À PANDEMIA DA COVID-19

ACESSO, INOVAÇÃO
E PRODUÇÃO

BEATRIZ FIALHO
MAURÍCIO ZUMA
AKIRA HOMMA

1 <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>, acessado em 21/09/2021

2 <https://covid.saude.gov.br/>, acessado em 21/09/2021

3 <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>, acessado em 21/09/2021

Desde o primeiro caso notificado, em dezembro de 2019, até 22/09/2021, ocorreram mais de 229,78 milhões de casos de COVID-19 no mundo e quase 4,71 milhões de vidas foram perdidas¹. O Brasil representa cerca de 10% de casos e mais de 12% de óbitos do planeta² causados pela COVID-19. Até o momento, apenas Estados Unidos e Brasil superaram oficialmente 590 mil óbitos, e a Índia mais de 445 mil óbitos³.

Muitos países seguiram medidas sanitárias como uso de máscaras, distanciamento social, evitar aglomerações e adotar etiqueta respiratória, mas poucos países adotaram o controle da transmissibilidade nas fronteiras nacionais (nos aeroportos, portos e rodoviárias). Um pequeno número adotou a testagem e o rastreamento dos casos, e a maioria evitou medidas restritivas.

ARTIGO

Porém, o prolongamento da pandemia, e a desigualdade entre os países no acesso a vacinas, e, por conseguinte, a realização de campanhas de vacinação, o surgimento de novas variantes, juntamente com a publicação dos primeiros estudos sobre efetividade das vacinas no mundo real, torna o cenário para países em desenvolvimento mais complexo ainda.

Os países mais desenvolvidos fizeram investimentos sem precedentes e de alto risco no desenvolvimento das vacinas e no apoio a novas plataformas tecnológicas (mais de 30 bilhões de dólares americanos em curto espaço de tempo). Esses países, entretanto, bloquearam a exportação de insumos estratégicos para a saúde, tanto para a atenção hospitalar quanto para produção de vacinas, medicamentos e testes para diagnóstico. Tais políticas nacionalistas foram destaque em diversos fóruns, meios de comunicação e artigos científicos.

Além disso, os países ricos empreenderam compras antecipadas de doses de vacinas em quantitativos muito superiores às suas necessidades (2 a 5 vezes o tamanho de sua população) e promoveram obstáculos à produção em escala global, o que limitou o acesso à imunização da população de países mais pobres. Está sendo sinalizada, desde o início, a potencial, e hoje concreta, crise de desabastecimento de vacinas. Embora 6 bilhões de doses de vacina tenham sido administradas em 3,44 bilhões de pessoas, a maior parte está concentrada em países de renda alta⁴. Enquanto em alguns países como os Estados Unidos já estão disponíveis vacinas para faixas etárias de 12 a 17 anos, e iniciam a 3ª dose em idosos, isto ainda não é realidade na maioria dos demais países. Não obstante os esforços que vêm sendo feitos no âmbito de iniciativas para assegurar um acesso mais equitativo, como o COVAX, o volume atualmente disponível não

4 <https://bit.ly/3zGggek>, acessado em 21/09/2021

5 <https://www.unicef.org/supply/covid-19-vaccine-market-dashboard>, acessado em 21/09/2021

6 https://qsprod.saude.gov.br/extensions/DEMAS_C19Vacina/DEMAS_C19Vacina.html, acessado em 21/09/2021

permite vislumbrar o atendimento à demanda global. Ao todo, já foram disponibilizadas, até o momento, 301.9Mi doses distribuídas pelo COVAX para 139 países⁵: quantitativo insuficiente para a vacinação da população dos países menos desenvolvidos. Países em desenvolvimento como o Brasil, África do Sul, Argentina e o México não conseguiram acompanhar o mesmo ritmo. No Brasil, até o início do mês de setembro, 135,74 milhões de pessoas já foram vacinadas com ao menos uma dose⁶.

A produção de vacinas é caracterizada por economias de escala e altos custos fixos e investimentos e está concentrada em alguns poucos países gerando grande desequilíbrio e desigualdade no acesso a vacinas. No caso da COVID-19, a iniquidade no acesso às vacinas tornou-se uma questão ética. O mundo só estará mais seguro se todos forem vacinados e ninguém for deixado para trás.

Desde a declaração da pandemia pela OMS, já se passaram mais de 17 meses. Apesar do tempo recorde no desenvolvimento e autorização de uso emergencial de vacinas contra a COVID-19, ainda não se tem um curso de tratamento padrão definido para todas as fases da doença. O prolongamento da circulação e transmissão do SARS-CoV-2 geram uma pressão seletiva levando ao aparecimento de novas variantes. Além disso, também se observa pessoas que tiveram COVID-19 apresentando sequelas da doença por tempo prolongado.

Os dados preliminares de efetividade e duração da imunidade começam a indicar decaimento da proteção, especialmente em população mais idosa, levando a uma discussão sobre alteração do esquema primário e/ou aplicação de doses de reforço, cuja periodicidade ainda precisará ser definida. Este cenário indica que a COVID-19 se tornará uma doença endê-

ARTIGO

mica, tornando cada vez mais importante acelerar o acesso às vacinas para se atingir uma cobertura vacinal de 80% da população, ao mesmo tempo em que continua sendo importante a manutenção de todas as demais medidas não farmacológicas de combate ao SARS-CoV-2.

Tem se observado, ainda, a continuidade do desenvolvimento de novas vacinas candidatas de 2ª geração, que poderiam ter um espectro maior de proteção a variantes e possivelmente maior duração. Porém, o nível de incerteza sobre diversas dessas questões é elevado, complexificando a tomada de decisão por parte de governos, laboratórios e a comunicação junto à sociedade.

Por outro lado, ficou evidente a importância do investimento continuado em ciência, tecnologia e inovação. Países que de longa data investem nestas atividades (como Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, França), e alguns países em desenvolvimento que têm este investimento como central em suas políticas (como China, Rússia, Coreia do Sul e Índia) foram capazes de mobilizar rapidamente recursos para investir na aceleração do desenvolvimento de vacinas contra a COVID-19.

Uma das formas de mitigar as consequências do desenvolvimento tecnológico e desigual entre os países é o fortalecimento das capacidades produtivas locais ou regionais. Esse e outros debates antigos como o investimento em ciência, tecnologia e inovação, o papel das patentes como fator de estímulo ou como fator de obstáculo ao acesso e desenvolvimento e a harmonização do sistema regulatório (de forma que esta não se torne uma barreira aos países em desenvolvimento) voltaram ao centro da discussão sobre equidade no acesso a bens de saúde. Diversas iniciativas vêm sendo discutidas internacionalmente, uma delas a criação de hubs regionais.

O DESAFIO DE BIO-MANGUINHOS/FIOCRUZ

Desde o início, Bio-Manguinhos vem buscando atender a demandas de saúde pública trazidas pelo contexto pandêmico, nos seus diferentes segmentos de atuação. Na área de diagnósticos, em menos de dois meses, um novo teste PCR (Proteína C-reativa) foi desenvolvido e disponibilizado ao Ministério da Saúde. Além disso, a experiência no estabelecimento e operação da rede, que dá suporte à utilização dos testes de ácido nucleico nos LACENs (Laboratórios Centrais de Saúde Pública), foi rapidamente mobilizada para ampliar a capacidade de testagem no país. Outras abordagens vêm sendo também implementadas nessa área, tais como a produção de testes rápidos sorológicos e de detecção de antígenos.

Simultaneamente, Bio-Manguinhos iniciou um processo de prospecção, de forma a suportar a tomada de decisão quanto ao investimento no desenvolvimento de uma vacina candidata e a incorporação da tecnologia, para que sua produção já estivesse em estágio mais avançado, acelerando o atendimento à demanda da sociedade.

Em setembro de 2020, Bio-Manguinhos/Fiocruz realizou uma encomenda tecnológica (ETEC) com a empresa AstraZeneca, que havia assinado acordo de licenciamento da vacina desenvolvida pela Universidade de Oxford e a Vaccitech. Esta decisão baseou-se num extenso trabalho de análise das oportunidades que atendesse a diferentes critérios como: acessibilidade econômica do produto acabado para fornecimento ao PNI, existência de capacidade instalada para a rápida incorporação das etapas de processamento final e sinergia com os investimentos e a estratégia tecnológica em andamento.

ARTIGO

Desde a assinatura da ETEC, Bio-Manguinhos/Fiocruz já forneceu mais de 82 milhões de doses da vacina ao PNI. As áreas para produção da IFA foram adaptadas para atender aos requisitos dos novos processos, as informações tecnológicas, de procedimentos e processos de produção e controle de qualidade, além dos bancos de células, já foram recebidas. Desde Julho, as atividades de produção estão sendo realizados e os primeiros lotes de consistência já foram produzidos. Dentre os principais desafios deste processo, destacam-se:

- A complexidade de aquisição de um produto ainda em desenvolvimento, juntamente a um acordo de transferência de tecnologia: considerando o marco regulatório relativamente recente referente a Encomendas Tecnológicas.
- A complexidade regulatória, tanto por conta do paralelismo do desenvolvimento, como em razão do volume de documentos a serem apresentados à ANVISA;
- O desenho da estratégia regulatória em simultâneo às revisões do marco regulatório pela ANVISA, para poder atender às exigências da demanda de saúde pública, como por exemplo, a submissão contínua e a autorização de uso emergencial;
- A competição internacional por insumos e equipamentos necessários para as atividades de produção;
- O esforço de adequação da infraestrutura para absorção de uma nova tecnologia, baseada em uma nova plataforma, em paralelo às demais ações necessárias ao atendimento ao PNI;
- Os desafios de gestão que envolvem um projeto de grande porte, em um prazo curto, para atender às exigências de saúde pública;

- A contratação de profissionais e sua qualificação e treinamento nas novas tecnologias de produção e controle de qualidade.

Não obstante os desafios inerentes ao processo de transferência de tecnologia em um período de pandemia, o acúmulo de conhecimento de Bio-Manguinhos em outros projetos ao longo dos anos permitiu que fosse dada uma resposta rápida à sociedade. Isso fortaleceu a capacitação científica e tecnológica não somente de Bio-Manguinhos/Fiocruz como do país, inclusive para o enfrentamento de desafios futuros.

Além da vacina contra COVID-19 baseada em adenovírus, Bio-Manguinhos/Fiocruz também tem investido no desenvolvimento de novos alvos candidatos em diferentes plataformas. Destaca-se neste caso o anúncio recente da escolha de Bio-Manguinhos pela OMS para participar do hub na América Latina para a produção de vacinas baseadas em RNA, por meio de tecnologia própria. O monitoramento do cenário tecnológico também tem sido mantido, apontando para a importância de se investigar não somente novas vacinas candidatas, mas como novas formas de liberação e administração, novos adjuvantes. Tais investimentos são complementares de forma a estarmos preparados para o futuro, cumprindo nossa missão.

Os atuais investimentos de Bio-Manguinhos/Fiocruz em um novo complexo tecnológico industrial no novo Campus de Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro, permitirá à instituição ampliar sua capacidade de atendimento às demandas de saúde pública nacional de maneira sustentável, minimizando efeitos de eventuais crises de abastecimento. Com este empreendimento será possível também contribuir para os esforços

de saúde regional e global, principalmente em futuros surtos, epidemias e pandemias. A este investimento soma-se ainda o novo Campus em Eusébio/CE, que além de aumentar a capacidade de produção de IFA também contribuirá para a desconcentração do desenvolvimento tecnológico e industrial.

Porém, o fraco sistema de C, T & I (ciência, tecnologia e inovação) existente e a ausência de políticas industriais fortes implica na continuidade da alta dependência de tecnologias geradas, bem como de insumos e equipamentos fabricados por outros países mais avançados. Tais circunstâncias criam sérios obstáculos a uma resposta rápida a problemas de grande impacto na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia Covid-19 mostrou de forma inequívoca a alta dependência do Brasil e de vários países de insumos estratégicos para a saúde, que estão concentrados em alguns países mais ricos. A globalização da produção desses insumos precisa ser discutida, de forma a se garantir maior equidade no acesso de vacinas pelas populações dos países fora desse eixo.

Paralelamente, o fortalecimento da produção local e regional envolve outras discussões no âmbito governamental. É sobretudo necessário que existam políticas de Estado para o fortalecimento das atividades industriais, de Ciência, Tecnologia, Inovação e de produção de imunobiológicos no país.



Comlurb intensifica trabalho de erradicação de pontos críticos

Buscando soluções para diminuir o “enxugar gelo” na cidade, a Comlurb intensificou desde o início do ano o trabalho de erradicação de pontos críticos históricos de descarte irregular, além da instalação de ecopontos, para que carroceiros e moradores façam o despejo de forma correta.

Até julho, foram dois ecopontos, aproveitando inclusive caixas compactadoras que estavam esquecidas em estoque: Dom Helder Câmara, em Jacarezinho, na Zona Norte, com duas caixas de 5 m³ e duas compactadoras de 7m³ e 15m³; e Vila Aliança, na Avenida Coronel Tamarindo, em Bangu, com três caixas de 5 m³.

Já pontos críticos históricos erradicados somam doze. O trabalho foi feito com a colocação de jardins a partir do reaproveitamento de pneus. Um deles, o da Avenida Dom Hélder Câmara, próximo à subida do viaduto de Benfica, antes da erradicação, eram removidas cerca de 80 toneladas de lixo por semana. Os outros pontos são: Rua Camarista Méier, Engenho de Dentro; Rua Sargento Sílvio Hollembach, Fazenda Botafogo; Rua Goulard de Andrade, Realengo; Rua Coronel Tamarindo, Bangu; Avenida Mergulhão, 3M, Campo Grande; Estrada Coronel Pedro Correa, Curicica; Rua Henfil, Recreio; Avenida Marisa Letícia Lula da Silva, Jacarepaguá; Avenida Pastor Martin Luther King; Rua Doutor Bernardino na Praça Seca; Avenida Dom Hélder Câmara, próximo à Cidade da Polícia.



PARALIMPÍADAS

UMA VITÓRIA CONTRA O CAPACITISMO TRANSFORMAÇÃO E LEGADO

VANESSA CARVALHO D'OLIVEIRA

Carioca, Fisioterapeuta, Ergonomista, servidora da PCRJ desde 2007, Gerente de Qualidade de Vida, Educação, Esporte e Cultura da SMPD/PCRJ desde 2017.

LÚCIA PEIXOTO

Gerente de Acessibilidade da SMPD/PCRJ.

Como diria o nosso brasileiríssimo Raul Seixas... "Você será capaz de sacudir o mundo". E se alguém ainda tem dúvidas, que tal assistir às competições das Paralimpíadas?

Considerando que o termo capacitismo diz respeito à subestimação da capacidade, da competência ou da aptidão de uma pessoa com deficiência, então, a cada dia essa palavra está mais próxima de ser extinta do dicionário. E não é de hoje que essa jornada anticapacitista trilha o seu caminho. Fazendo uma rápida viagem na linha do tempo, podemos recordar um pouco da linda história dos Jogos Paralímpicos. Ludwig Guttman, neurologista alemão, considerado o pai dos Jogos Paralímpicos,

ARTIGO

foi pioneiro em utilizar o esporte como ferramenta de reabilitação física, inclusão social e combate à depressão e ao suicídio no terrível cenário pós-guerra que acarretou centenas de jovens combatentes mutilados e com diversas deficiências.

A luta não foi fácil desde o início para estabelecer os Jogos Paralímpicos e afirmar a inclusão dos atletas com deficiência como uma competição oficial e mundial. Mas a persistência do neurologista, somada à vontade de superação e de demonstrar suas capacidades e potenciais, venceram as barreiras da época. Em 1948, foram criados os jogos de Stoke Mandeville, inicialmente com 16 atletas, sendo 14 homens e duas mulheres. É fato que os jogos foram uma surpresa que atraiu os olhos da sociedade. Em 1952, os jogos já contavam com a participação de 130 atletas com deficiência. A projeção e a dimensão dos jogos tiveram um incrível crescente e em 1960, na Itália, os Jogos Paralímpicos foram incorporados nas Olimpíadas.

É indiscutível que grandes eventos como festivais musicais, campeonatos, circuitos culturais, em metrópoles como o Rio de Janeiro, necessitam de refinada análise, além de estratégias complexas, que envolvem planejamento e muito conhecimento de gestão pública.

Considerando as diretrizes e os atuais conceitos de governança adotados pelos organizadores, o fator humano é protagonista em todas as etapas do processo. E tratando-se dos cariocas, os gestores contam com uma dose extra de carisma, acolhimento e alegria popular, o que torna o fantástico evento ainda mais irresistível.

Podemos citar diversos aspectos que desafiaram os “managers”, como acessibilidade, desconhecimento sobre o potencial da pessoa com deficiência, capacitismo e outros, que ao final não

só foram vencidos, mas também resultaram em um importantíssimo legado para os cidadãos cariocas com ou sem deficiência.

Ainda sob a ótica da gestão pública, vale ressaltar uma palavra-chave: transversalidade. A comunicação sintonizada entre as pastas governamentais municipais, garantiram a formação de uma rede integrada e efetiva que tangenciou o evento.

Um verdadeiro show dos atletas paraolímpicos que expôs muito além das restrições e dificuldades geradas por uma deficiência, os 4350 atletas de 176 países mostraram com maestria que a deficiência não está na pessoa e sim nas barreiras arquitetônicas, tecnológicas e atitudinais que os cercam.

Podemos afirmar que as Paralimpíadas de 2016 foram um divisor de águas na visão e no conceito de pessoa com deficiência, não só para a população do Rio de Janeiro, mas também para todo o povo brasileiro.

Como mensurar o extraordinário impacto positivo na consciência das crianças que tiveram a oportunidade de assistir aos jogos paralímpicos por meio de passeios organizados pelas escolas? Tornar o diferente normal é a premissa para um mundo sem preconceitos. Promover um olhar para a diversidade de forma natural transforma crianças em adultos anticapacitista, altruístas e capazes de lidar com a deficiência, exaltando suas potencialidades.

Alguns atores foram fundamentais e se destacaram, contribuindo de forma incomensurável com esse despertar do olhar para o dito atípico. Dentre eles, o prefeito Eduardo Paes que com sua veia carioca e declarado amor pela cidade do Rio de Janeiro, não mediu esforços para apoiar, investir, executar e sobretudo divulgar os Jogos Paralímpicos em 2016. Outro importante autor desta história foi a mídia, capaz de alcançar pessoas onde menos se imagina, muitas vezes distantes milhas e milhas do

local da realização dos jogos, mas que puderam acompanhar via rádio, televisão e principalmente pelos canais digitais.

A divulgação e o apoio da imprensa, contribuíram também para a chegada e investimento de parceiros, patrocinadores e incentivadores de atletas e praticantes de esportes paralímpicos. Além disso, a imprensa, com seu enorme poder de alcance, incentivou gestores de todas as esferas, municipal, estadual e federal a abrirem seus olhos, ampliando a percepção da importância das políticas públicas destinadas à inclusão das pessoas com deficiência e suas famílias.

O tema se torna ainda mais interessante quando analisamos os efeitos e os resultados do investimento e das estratégias de iniciativas públicas aplicadas. Dentre estes, destacam-se as ações, projetos e políticas públicas desenvolvidas para crianças, jovens e adultos com deficiência, com o foco na qualidade de vida, no mercado de trabalho e na inclusão social plena, transformando e impulsionando a percepção das habilidades e potenciais das pessoas com deficiência em nossa cidade maravilhosa.

Sabemos que ainda existe um longo caminho, mas hoje, cinco anos após o maior evento esportivo do mundo, nós nos orgulhamos não só das 72 medalhas que nossos atletas paralímpicos nos presentearam, mas também de transitar em uma cidade que iniciou um grande salto na inclusão. Esperar o metrô e nos deparar com um mapa tátil, observar um piso guia, acessar rampas e banheiros acessíveis, acompanhar crianças com deficiência em parques e estádios, brincando e torcendo para seus times do coração, restaurantes e cardápios acessíveis e mais do que isso, um povo se conscientizando, eliminando um preconceito retrógrado sobre a pessoa com deficiência, trazendo a diversidade como uma nobre característica da nossa sociedade.

AMBIÊNCIA E SUA REQUALIFICAÇÃO

AÇÕES QUE FORTALECEM O PATRIMÔNIO HISTÓRICO

ISIS DOMINGUES CLARO

Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Santa Úrsula, Especializada em Gestão e Restauro Arquitetônico pela Universidade Estácio de Sá. É arquiteta técnica do IRPH desde 2006 e atualmente está como Gerente no 1º Escritório Técnico do IRPH.

TESOUROS DO RIO

O intento deste texto é contribuir como centelha, despertando o desejo pelo entendimento e a importância na atualidade de se perceber e requalificar a ambiência do Rio de Janeiro. Há que discutir as ações, buscando melhorar, ou criando novas estratégias que transformem a qualidade do espaço circundante e que promovam nossa memória.

Entender a dinâmica entre a relação dos seres vivos e tudo aquilo que existe no meio físico como algo inconstante e findável não é tarefa simples, é assunto extenso e profundo. Mas na tentativa de objetivar o pensamento, saber que há diferença entre ambiente e ambiência talvez seja o primeiro passo para compreender a importância e a necessidade da requalificação do ambiente urbano.

De forma bem resumida, podemos afirmar que ambiente é o meio físico, que cerca o corpo dos seres, e ambiência é o resultado da ação desses mesmos seres sobre o meio que os cerca.

Nessa toada, percebemos que viver a ambiência é uma capacidade humana



que, ao atribuir elementos subjetivos ao meio construído, como condições sociais, culturais, éticas e morais, transforma a realidade física.

Fazendo um contraponto com esse entendimento e o contexto histórico da cidade, a preocupação com a nossa ambiência foi expressa com o lançamento, em 1983, do instrumento urbanístico de proteção chamado APAC – Área de Proteção do Ambiente Cultural, que ampliou o olhar de preservação, compreendendo que patrimônio cultural não está apenas nos prédios e monumentos notáveis, mas também nos conjuntos urbanos como representantes das diversas fases de ocupação do nosso território carioca.

Essa ferramenta trouxe novas formas de proteção do patrimônio edificado, além do grau do tombamento; sendo possível termos, no mesmo conjunto, imóveis preservados e passíveis de renovação, complementando condições de adequação do ambiente urbano.



O primeiro conjunto urbano reconhecido na cidade nesse contexto foi o da Rua da Carioca, que posteriormente veio integrar a APAC do Corredor Cultural. Esta sim, a primeira APAC que, abrangendo 3 grandes áreas do centro do Rio, identificou-as como remanescente de períodos distintos da nossa evolução urbana e jeito de construir, salvaguardando e dando enfim um sentido a mais à percepção de memória ao patrimônio histórico.

Observando o início dessa reflexão, comenta brevemente a árdua tarefa de enxergar como o meio físico, no nosso caso, as cidades, vivem, sofrem e resistem a impermanência do tempo. O desafio para se implementar medidas de conservação sobre o espaço protegido, consiste conciliar fatores que afetam a qualidade do espaço circundante, transformando em ações que o influenciam sem fazê-lo perder identidade.

O fortalecimento, a conservação e a valorização das APACs devem ocorrer através de ações de caráter de planejamento urbanístico – como a proposta do REVIVER CENTRO, aprovada em 14 de julho pela Lei Complementar nº.229/2021. Esta pretende promover a recuperação urbana, social e econômica de bairros da região central, estabelecendo diretrizes para a requalificação e conservação do espaço público e dos bens de interesse histórico, somando a preservação da ambiência urbana.

C A L M A R I O

ALEXANDRE CHERMAN

Astrônomo, físico, cientista de dados,
escritor, servidor público e Líder Carioca.
Gosta de procurar por detalhes e
descobrir lugares silenciosos.

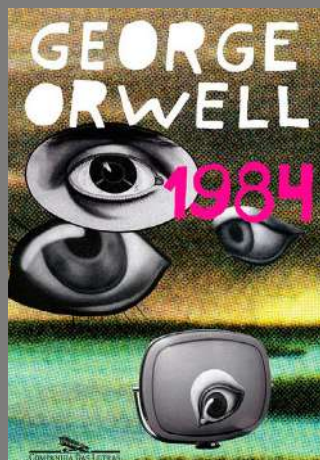
“Selva de Pedra” é o nome popular do conjunto de prédios que fica no Leblon, quase fronteira com a Lagoa. Esse batismo informal se deu por uma coincidência temporal. Os prédios foram construídos na década de 1970, ao mesmo tempo em que ia ao ar a novela homônima, escrita por Janete Clair e estrelada por Francisco Cuoco. No centro dessa “selva”, como uma clareira na mata, fica a praça Milton Campos. Escondida e protegida do vaivém da cidade pelos prédios do entorno, ela tem o acesso livre a qualquer pedestre e é um verdadeiro oásis de calma e tranquilidade colado a uma das artérias viárias da nossa cidade, a Autoestrada Lagoa-Barra. Naturalmente, a maior parte de seus frequentadores são moradores dos prédios em volta. Mas ela é grande o suficiente para abrigar “turistas”. Tem uma pequena pista de corrida, brinquedos, aparelhos de ginástica e muitas, muitas árvores. As ruas que nela chegam são todas sem saída, de modo que não há carros circulando ao seu redor. Isso acentua o silêncio urbano, uma sensação sempre comemorada nesta seção! Buscando um cantinho tranquilo na cidade? Não deixe de conhecer a praça Milton Campos!



PRAÇA MILTON CAMPOS,
LEBLON

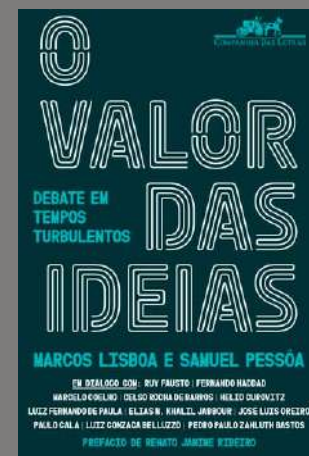
#FICAADICA

ANDRÉ APPARIZ



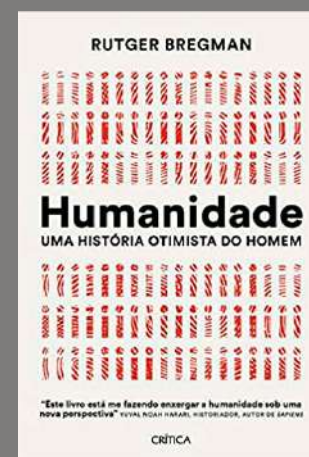
1984, GEORGE ORWELL

CLÁSSICO! Uma sociedade alienada por um governo que usa a manipulação da informação como principal sistema de controle da fidelidade das pessoas a um partido. O personagem principal da história é Winston Smith, um homem angustiado, refém de um mundo feito de opressão absoluta onde ter uma mente livre é considerado crime gravíssimo. Ele é funcionário do Departamento de Documentação do Ministério da Verdade; sua função é falsificar registros históricos, a fim de moldar o passado à luz dos interesses do "Grande Irmão", líder simbólico do Partido que controla a tudo e todos. Winston detesta o sistema, porém evita desafiá-lo. Isso muda quando se apaixona por Júlia, funcionária do Departamento de Ficção. O sentimento transgressor o faz acreditar que uma rebelião é possível. Mas combater o regime não é nada fácil e seu anseio pela verdade e liberdade traz consequências impressionantes. Publicado em 1949, este livro denunciou as mazelas do totalitarismo e tornou-se um dos mais influentes romances do último século. George Orwell era um visionário e gênio da escrita.



O VALOR DAS IDEIAS: DEBATE EM TEMPOS TURBULENTOS, MARCOS LISBOA E SAMUEL PESSÔA

Neste exemplo singular de debate civilizado em tempos de comunicação truculenta, os economistas Marcos Lisboa e Samuel Pessôa discutem as principais questões da agenda política e econômica do Brasil nas últimas décadas com outros intelectuais brasileiros. Este livro reconstitui essas conversas e nos oferece uma discussão plural e de alto nível sobre os rumos do país, os erros e acertos dos mandatos PSDB e PT, a crise da democracia e as controvérsias das escolas econômicas que regeram os últimos governos. Muito indicado para leitores que gostam de exercitar o pensamento crítico, analisando diferentes pontos de vista sobre questões que impactam toda a sociedade brasileira.



HUMANIDADE: UMA HISTÓRIA OTIMISTA DO HOMEM, RUTGER BREGMAN

E se, lá no fundo, a humanidade estivesse "programada" para o bem? Existe uma ideia persistente de que, pela própria natureza, nós humanos somos egoístas, agressivos e muito suscetíveis ao pânico. Grandes livros de história trazem uma reflexão inspirada nas convicções do filósofo Thomas Hobbes. Para Hobbes somos seres violentos, com uma fina camada de verniz que pode descascar com pequenas provocações ou crises. Para o autor Rutger Bregman, na verdade, é quando surge uma crise que as pessoas apresentam o melhor de si. Este livro busca quebrar o paradigma do homem lobo do homem e, com muitos exemplos históricos, apresenta uma visão otimista da civilização, pintando um novo retrato da natureza humana que, para Bregman, está programada para a bondade, cooperação e altruísmo. Será que somos bons, maus ou outra coisa? Este livro pode nos ajudar a refletir sobre essa questão.



Fotografia de capa: prédio da Prefeitura do Rio de Janeiro, por Marcelo Piu.



Aqui você encontra o arquivo pdf do número 10 da Revista Carioca de Gestão Pública, Cidade iNova. Aproveite!

TEM ALGUMA EXPERIÊNCIA PARA COMPARTILHAR?

Já estamos trabalhando para a próxima edição e queremos a sua ajuda para que ela fique ainda melhor.

Submeta um artigo, mande sua dica ou simplesmente dê a sua opinião!

...

Para ter acesso aos critérios de submissão e regras de formatação, acesse o site: www.rio.rj.gov.br/web/fjg

Outras dúvidas, envie um e-mail para: revistacidadeinova@gmail.com

